



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO

Relatório Final de Estágio realizado na Escola Básica 2,3 de Alfarelos, com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Orientadores:

Orientador de Faculdade: Mestre Luís Manuel Aguiar Fernandes

Orientador de Escola: Professor Pedro Emanuel Loureiro Conde

Júri:

Presidente

Doutor António José Mendes Rodrigues, professor auxiliar da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Vogais

Doutora Ana Luísa Dias Quitério, professora assistente convidada da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Mestre Luís Manuel Aguiar Fernandes, professor assistente convidado da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Licenciado Pedro Emanuel Loureiro Conde, docente da Escola Básica de Alfarelos

André Filipe Rodrigues Silva

Lisboa, 2013

“A presença da disciplina no plano de estudo justifica-se pela necessidade de corrigir as condutas e de conservar a saúde através da educação do corpo e do espírito”.

Nóvoa, A. (2005)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar por expressar de forma especial a minha gratidão a todos aqueles que estiveram envolvidos direta ou indiretamente no percurso de formação académica desde o primeiro ao último.

Em primeiro lugar, agradeço reconhecidamente ao meu orientador de escola, Professor Pedro Conde, pelo apoio, a disponibilidade e o privilégio da sua orientação, com sugestões que muito me enriqueceram tanto a nível pessoal como profissional.

Muito obrigado.

Ao orientador de Faculdade Professor Luís Manuel Aguiar Fernandes, pelo apoio e orientação demonstrado ao longo do ano.

Aos alunos da turma do 8ºD, que apesar de algumas dores de cabeça, serão para sempre recordados como uma turma que me permitiu desenvolver a minha intervenção pedagógica com o seu empenho ao longo do ano letivo.

Aos meus colegas de estágio, Ana Fonseca, Miguel Fragoeiro e Núria Batista que ao longo deste percurso comigo partilharam a sua amizade, conhecimentos e experiências. Aprendemos muito em conjunto.

A todos os professores do Grupo de Educação Física que, de uma forma ou de outra participaram ativamente no meu processo de desenvolvimento pessoal e profissional.

Um profundo e especial agradecimento à minha família. Em especial à minha Mãe por toda a força dada, apoio nos momentos mais difíceis, na realização deste percurso académico e por fazer de mim aquilo que hoje sou. E aos meus irmãos por todas as experiências realizadas que me permitiram ter um leque variado de conhecimentos a diversos níveis.

À minha namorada Catarina Ferreira, pela sua paciência, apoio, compreensão, amor, fiel companheirismo, força e confiança em mim depositada.

Ao meu grande Amigo Rui Afonso, que me acompanhou e ajudou de forma decisiva ao longo de toda a minha caminhada de formação inicial.

Aos professores da Faculdade de Motricidade Humana, que em muito contribuíram para minha formação enquanto professor.

Muito obrigado!!!

RESUMO

O presente relatório tem como objetivo apresentar a análise e reflexão de todo o processo de Estágio Pedagógico desenvolvido ao longo do ano letivo de 2012/2013, na Escola Básica 2,3 de Alfofnelos. O Estágio enquadra-se no Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Motricidade Humana. Este Estágio é dividido por quatro áreas, sendo elas Organização e Gestão do Ensino-Aprendizagem (área 1), Inovação e Investigação Pedagógica (área 2), Participação na Escola (área 3) e Relação com a Comunidade (área 4).

Inicialmente é apresentada uma caracterização do contexto envolvente que engloba uma contextualização, não só ao nível demográfico, como também ao nível dos documentos internos, no intuito de compreender o funcionamento da escola. Esta caracterização é referente não só à própria escola, mas também ao Grupo de Educação Física, ao Núcleo de Estágio, à turma que me ficou atribuída e ainda às minhas expectativas antes e após a realização do Estágio Pedagógico.

Após esta caracterização, são apresentadas todas as atividades realizadas ao longo do ano letivo, inseridas nas áreas do Estágio. A análise destas áreas encontra-se dividida no trabalho efetuado na turma e no trabalho efetuado na escola sendo que as mesmas se encontram interligadas, no sentido de mostrar o contributo que estas têm no processo de formação de um professor. Esta análise surge no intuito de verificar as competências desenvolvidas ao longo do ano letivo, identificando igualmente, quais os aspetos que necessitam de ser melhorados para uma futura, intervenção pedagógica, ao nível das aprendizagens dos alunos.

Todas as atividades desenvolvidas visam a formação profissional envolvendo as dimensões pedagógica, organizacional, didática e científica com vista à integração do conhecimento proposicional e prático dos estagiários. Para além destas, foram também desenvolvidas atividades respeitantes aos objetivos de formação pessoal.

Assim sendo, todo este processo, tornou-se numa oportunidade de grande aprendizagem, onde foi proporcionado um desenvolvimento sólido tanto ao nível da identificação de problemas, como da sua resolução, fazendo com que a minha intervenção pedagógica seja melhorada no futuro.

Palavras-Chave: Estágio Pedagógico, Educação Física, Professor Estagiário, Competências, Aprendizagem, Ensino, Atividades Físicas Desportivas, Aptidão Física, Conhecimentos, Avaliação.

ABSTRACT

The objective of this report is to present the examination and analysis of the Pedagogic Internship throughout the 2012/2013 academic year at the Elementary School 2,3¹ in Alfoanelos, Portugal. This internship is part of a Master's program in Teaching Physical Education in Primary and Secondary Education at School of Human Kinetics². The internship is divided into four subsequent areas: Organization and Management of Teaching and Learning (Area 1), Innovation and Pedagogic Investigation (Area 2), School Participation (Area 3), and Relationship within the Community (Area 4).

Initially, I present a characterization of the school that encompasses contextual data, not only at the demographic level, but also considering school regulations to understand how the school operates. This characterization refers not only to the participating elementary school, but also to the Physical Education Group, the Internship Team, the class of students assigned and my personal expectations, before and after the Pedagogic Internship experience.

After characterizing the school, I present all the activities taught throughout the academic year under the supervision of the internship. The analysis is divided into work carried out with the class of students and work carried out in the school, given that the works are interrelated and that their relationship contributes to the training process of a teacher. This analysis emerges to verify the developed competences throughout the year, likewise identifying the aspects that need to be improved upon for future pedagogic intervention at the level of student learning.

All of these activities follow professional training involving pedagogy, organization, didactic and scientific dimensions aiming to integrate practical and corresponding knowledge in the internship. Additionally, there is also discussion about activities regarding the objectives of my personal training.

This internship process offered a great learning opportunity, where I thoroughly developed skills of problem identification and resolution helping my future improvements in pedagogic intervention.

Key Words: Pedagogic Internship, Physical Education, Examination, Intern Teacher, Skills, Learning, Teaching, Physical Activities Sports, Physical Fitness, Knowledge, Evaluation.

¹ Escola Básica 2,3 de Alfoanelos

² Faculdade de Motricidade Humana

Índice

I.	Introdução.....	1
I.	Contextualização do estágio.....	2
1.1.	Análise crítica e reflexiva da Escola Básica 2,3 de Alfofnelos.....	2
1.2.	Grupo de educação física.....	5
1.3.	Núcleo de estágio.....	7
1.4.	Turma 8ºD.....	8
1.5.	Experiências e expetativas.....	10
II.	Análise crítica e reflexiva da formação.....	12
2.1.	Trabalho na turma.....	12
	Direção de turma.....	38
2.2.	Trabalho na escola.....	41
	Atividades de desporto escolar.....	42
	Investigação e Inovação Pedagógica.....	48
	Relação com a comunidade.....	52
III.	Considerações Finais.....	54
IV.	Referências bibliográficas.....	57
V.	Anexos.....	1

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1. Espaço escolar EBA.....	2
---------------------------------------	---

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Quem gostarias que se sentasse contigo na sala de aula?	16
Gráfico 2. Quem convidarias para a tua festa de anos?.....	16
Gráfico 3. Análise das aulas - SOCA	28
Gráfico 4. Evolução na área dos conhecimentos	37
Gráfico 5. Frequência semanal da lecionação da EFM.....	49

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Tempos da aula relacionados com a bibliografia.....	27
Quadro 2. Nível nas matérias prioritárias.....	34
Quadro 3. Resultados dos testes do FitnessGram	36

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 - Roulement 12-13	7
Anexo 2 - Protocolo de Avaliação Inicial 2012-2013	12
Anexo 3 - Plano de Aula Nº3	13
Anexo 4 - Grelha de Avaliação - Basquetebol.....	14
Anexo 5 - Ficha de Diagnóstico	17
Anexo 6 - Ficha de Apoio ao Estudo.....	18
Anexo 7 - Plano Anual Turma	18
Anexo 8 - 7ª Unidade de Ensino	18
Anexo 9 - AF -Corrida de Barreiras e Voleibol	19
Anexo 10 - 1ª Unidade de Ensino	21
Anexo 11 - Plano 2ª Etapa - Aprendizagem e Desenvolvimento	21
Anexo 12 - Avaliação Sumativa - 2º Período.....	23
Anexo 13 - Projeto de Observação Interpares	24
Anexo 14 - Ficha de Observação Interpares.....	24
Anexo 15 - Distribuição do aquecimento e alongamento	25
Anexo 16 - Projeto Semana a Tempo Inteiro	30
Anexo 17 - Horário Completo.....	30
Anexo 18 - Projeto 1ºCiclo	31
Anexo 19 - Ficha de Avaliação - 2º Período.....	37
Anexo 20 - Projeto de Acompanhamento de DT	38
Anexo 21 – Estudo de Turma	38
Anexo 22 - Projeto Visita de Estudo.....	40
Anexo 23 - Poster Moche Cup Núcleo de estágio.....	46
Anexo 24 - Poster Jogos Juvenis Escolares Amadora	46
Anexo 25 - Projeto Semana EF Núcleo de estágio	46
Anexo 26 - Poster Semana EF Núcleo de estágio	46
Anexo 27 – Plano de Treino DE.....	47
Anexo 28 – Projeto de Desporto Escolar	47
Anexo 29 - Trabalho de Investigação.....	49
Anexo 30 - Flyer Trabalho de Investigação.....	50
Anexo 31 - Poster Trabalho de Investigação	53

LISTA DE ABREVIATURAS

A - Avançado

AF - Avaliação Formativa

AFD - Atividades Físicas Desportivas

AI - Avaliação Inicial

AS - Avaliação Sumativa

CT - Conselho Turma

DE - Desporto Escolar

DT - Diretor de Turma

EB – Escola Básica

E - Elementar

EBA - Escola Básica Alfofnelos

EE - Encarregado de Educação

EF - Educação Física

FB - *Feedback*

GEF - Grupo de Educação Física

I - Introdutório

JDC - Jogos Desportivos Coletivos

NE - Núcleo Estágio

PA – Parte do Avançado

PAA - Plano Anual de Atividades

PAI - Protocolo de Avaliação Inicial

PAT - Plano Anual de Turma

PE – Parte do Elementar

PE - Projeto Educativo

PI – Parte do Introdutório

PIEF - Programa Integrado de Educação e Formação

PNEF - Programa Nacional de Educação Física

TEIP - Território de Educação e Intervenção Prioritária

UE - Unidade de Ensino

I. Introdução

O presente relatório apresenta todo o trabalho desenvolvido ao longo o ano letivo de 2012/2013 na Escola Básica de Alornelos (EBA), inserido no Estágio Pedagógico referente ao 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Motricidade Humana.

Este ano foi, sem dúvida, um ano de transformações já que não se pode descurar o facto da passagem de ser o aluno para ser realmente um professor, em toda a sua essência, pois foi desenvolvido um trabalho bastante enquadrado no que a esta profissão diz respeito. Este trabalho é considerado por Siedentop (1991), uma experiência que permite ao estagiário desfrutar de uma experiência prática e integrada na formação de professores. O Estágio Pedagógico tem como principal objetivo preparar o estagiário para um vasto leque de competências nos mais diversos níveis. Assim, este divide-se em quatro áreas, sendo elas Organização e Gestão do Ensino-aprendizagem (área 1), Inovação e Investigação Pedagógica (área 2), Participação na Escola (área 3) e Relação com a Comunidade (área 4).

No que concerne à estrutura do presente relatório, inicia-se com uma contextualização de todo o meio envolvente, tanto ao nível da escola em si, como ao próprio Grupo de Educação Física (GEF), ao Núcleo de Estágio (NE) e ainda à turma em que lectionei ao longo do ano. Esta contextualização surge como parte integrante e fundamental neste processo, uma vez que, foi determinante para a tomada de decisões apresentadas na segunda parte do relatório. Assim sendo, nesta segunda parte referida, insere-se a reflexão e a descrição de todas as atividades desenvolvidas e as suas consequências para a minha prática pedagógica futura. As abordagens a estas atividades serão ainda subdivididas em trabalho com a turma e o trabalho na escola. Esta subdivisão impõe-se, já que, foram desenvolvidas atividades junto da turma pertencentes a mais que uma área, como é o exemplo da lecionação (área 1) e o estudo de turma (área 4). O trabalho desenvolvido na escola, insere-se nas áreas 2, 3 e 4.

Por fim será apresentada uma conclusão geral, com o objetivo de demonstrar a importância que esta experiência trouxe para a minha prática pedagógica.

I. Contextualização do estágio

Como já foi referido anteriormente, este ponto é essencial para a realização de um Estágio Pedagógico de excelência, já que é importantíssimo ter em conta todo o meio envolvente na comunidade escolar.

Assim sendo iniciar-se-á com uma análise da Escola Básica de Alfoanelos (EBA) enquanto escola sede do agrupamento, tendo em consideração os documentos reguladores de ensino, de seguida será apresentado todo o Grupo de Educação Física (GEF), o Núcleo de Estágio (NE) e por último vira a caracterização da turma pela qual fui responsável ao longo do ano letivo.

1.1. Análise crítica e reflexiva da Escola Básica 2,3 de Alfoanelos

A EBA situa-se na freguesia de Alfoanelos, concelho da Amadora. Esta escola foi inaugurada a 1982 inicialmente com o nome de Escola Preparatória de Alfoanelos, e em 1993, passa a denominar-se de Escola Básica 2,3 de Alfoanelos.

A EBA constitui-se como um agrupamento de escolas por Despacho da Secretaria de Estado, em 20 de setembro de 1999, com o objetivo de dar sequência ao longo processo de trabalho realizado em conjunto pelas escolas constituintes do mesmo, sendo elas EB Alice Leite, EB/JI Orlando Gonçalves, EB/JI Maria Irene Lopes de Azevedo e EB/JI Santos Mattos.



Ilustração 1. Espaço escolar EBA

A EBA é constituída por dois edifícios (para aulas teóricas e recursos), um pavilhão pré-fabricado (oficinas), um pavilhão gimnodesportivo, e dois espaços polidesportivos descobertos, sendo que um dos pontos mais frágeis da escola depara-se

com o desgaste das suas instalações. Ao nível do material móvel destinado à disciplina de Educação Física (EF), a EBA apresenta bastante material e o mesmo foi também sendo renovado ao longo do ano.

A freguesia de Alfoanelos está inserida numa multiplicidade de famílias provenientes de diversas nacionalidades, proporcionando assim uma grande heterogeneidade de mentalidades e, por vezes, complexas situações de inadaptação a novos contextos socioculturais. Estas famílias estão localizadas em diversos bairros circundantes à EBA, nomeadamente “da urbanização de Alfoanelos, Bairro da Venda Nova e alguns agregados de habitações que se encontram dispersos nas periferias destes bairros: nomeadamente o Alto dos Trigueiros; o Bairro 6 de Maio; o Bairro 11 de Março, a Travessa dos Lilases e o Casal da Mira”³. Esta é uma população de classe média baixa, originando na escola problemas cada vez maiores relacionados com a presença de alunos excluídos, desmotivados ou com um menor rendimento no ensino regular.

Todo este ambiente envolvente, fez com que a escola detivesse o estatuto de Território de Educação e Intervenção Prioritária (TEIP) durante alguns anos, de acordo com o Despacho 147-B/ME/96 de 1 de agosto. No entanto, em 2012, perdeu esse mesmo estatuto.

De forma a orientar as decisões e os planos das atividades da escola, a EBA possui um conjunto de documentos orientadores de todo o agrupamento, sendo de destacar o Contrato de Autonomia, o Projeto Educativo (PE), o Plano Anual de Atividades (PAA), e o Regulamento Interno.

O PE 2009-2013 apresenta-se como um processo de reconstrução do currículo nacional a partir de diversos contextos, procurando moldar a oferta educativa às características da população escolar presente no agrupamento de escolas. Um dos pontos identificados neste documento foi o baixo desempenho dos alunos nos exames de português e matemática do 9º ano. Assim, para colmatar as fragilidades educativas identificadas na população escolar, a EBA apresenta uma variada oferta educativa para além das turmas regulares de educação de 2º e 3º ciclos. Estas turmas são Percursos Curriculares Alternativos (do 5º ano até ao 9º ano) e Cursos de Educação e Formação, no 3º ciclo, de Acompanhamento de Crianças, Jardinagem e Eletricistas de Instalações. Para casos graves de reinserção escolar, no 2º ciclo, no agrupamento conta com o

³ In Projeto Educativo 2009-2013, p. 12

Projeto 12/15, e no 3º ciclo com o Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF). Estes são percursos mais específicos para uma educação e integração dos alunos com retenções repetidas ou risco de abandono escolar, procurando estimular por um lado a valorização da escola e, por outro, o gosto por uma atividade que poderá desempenhar um aspeto importante e decisivo no futuro (ativo) destes alunos.

O Contrato de Autonomia foi obtido em 2009/10 com regime até 2014/15. Este contrato admite à escola, entre outras coisas, organizar os grupos turma através das competências específicas de português e matemática, ou seja turmas de nível, o que possibilita uma maior adaptação do processo de ensino-aprendizagem. Por outro lado, com este modelo, verifica-se também uma fraca interligação entre os elementos das turmas, visto que os alunos poderão estar constantemente a trocar de turma.

De acordo com o PE, a EBA tem como principal missão “formar cidadãos que contribuam ativamente, na sua qualidade de pessoas informadas e responsáveis, para resolver os problemas sociais, económicos e políticos da comunidade em que estão inseridos”, estando o agrupamento, os encarregados de educação e os próprios alunos lado a lado na procura de soluções para o sucesso na vida académica, pessoal e social. Os valores transmitidos pelo agrupamento são o “respeito, a pontualidade e o esforço”. Sendo estes valores a base para o crescimento cívico e responsável dos alunos, não parecem ainda estar totalmente interiorizados nos hábitos destes jovens.

A dinâmica que caracteriza a EBA deve-se, em grande parte, ao elevado número de atividades criativas e formativas, idealizadas para evitar a delinquência e o sedentarismo, e potencializar a ligação entre os alunos e a escola. Estas opções encontram-se organizadas em diferentes núcleos e clubes, tais como: clube da horta pedagógica, batuqueiros, teatral, culinária, hora do conto, nós, clube rock, ciências, capoeira, rádio, dois núcleos de futsal, núcleo de patinagem e núcleo de basquetebol. Apesar de este ser um fator bastante positivo, todas estas atividades decorrem no mesmo horário, impossibilitando assim a frequência em mais do que dois clubes pelo mesmo aluno. Assim, seria importante que o horário fosse revisto, de forma a distribuir os diversos clubes pela semana, no sentido de os alunos usufruírem de uma formação eclética que têm à sua disposição.

Para além das atividades anteriormente mencionadas, a escola oferece ainda uma panóplia de serviços no intuito de assegurar condições que propiciem o desenvolvimento escolar e pessoal dos alunos. Tais como: os Serviços Especializados de

Apoio Educativo; o Grupo de Intervenção Precoce; Gabinete de Psicologia e Orientação; o Grupo de Educação Especial; o Grupo de Integração e Acompanhamento ECO (Encontrar, Conversar e Ouvir); e o Gabinete de Informação e Apoio ao Aluno. Estes são gabinetes que permitem uma aproximação da escola aos alunos e dos EE, no intuito de integrar estes também a nível social.

Assim considero que estes serviços são fundamentais tendo em consideração a população escolar que se apresenta muito diversificada e com fragilidades a diversos níveis, tais como, a existência de alunos de um extrato socioeconómico baixo, a presença de muitos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), casos de indisciplina e violência.

1.2. Grupo de educação física

No presente ano letivo, o GEF é constituído por 12 professores, dos quais quatro são estagiários, dois são do quadro, quatro contratados e dois que lecionam nos dois projetos de integração social, sendo eles do projeto 12/15 e do PIEF. Existem dois cargos respeitantes à organização do GEF um dos quais desempenhado pelo professor Pedro Conde, sendo ele coordenador do grupo, e o outro coordenação do Desporto Escolar (DE) desempenhada pela professora Lurdes Fonseca. Existe ainda outro cargo importante no seio do GEF, que ainda assim nenhum professor foi nomeado, referente gestão dos materiais e instalações. Este facto condicionou a concretização de algumas tarefas, tais como, a apresentação de propostas devidamente fundamentadas para a aquisição de equipamentos, informar ao diretor qualquer anomalia verificada, informar os funcionários no sentido de um correto manuseamento dos materiais, um controlo sistemático, manutenção e organização. Este foi um ponto negativo pois em reunião de GEF chegou-se à conclusão da devida importância de ter sido nomeado um professor para este cargo.

O grupo é heterogéneo relativamente às idades dos professores, que embora estejam em diferentes fases da sua carreira docente, sempre demonstraram bastante motivação, cooperação e entreajuda constituindo assim um fator de coesão e equilíbrio do GEF.

Cada professor ao demonstrar a sua experiência e perspetiva contribuiu positivamente para a tomada de decisões e estabelecimento de compromissos e objetivos do mesmo. Contudo, nem sempre se verificou consistência em alguns aspetos da leção. Primeiramente com a lacuna ao nível do Plano Plurianual, uma vez que o

grupo não possui este documento orientador que define as metas gerais integradoras dos objetivos para cada ano em cada área e matéria. Desta forma, tornou-se complicado delinear um percurso de aprendizagens que seja tratado por todos os professores de igual forma.

O agrupamento de escolas de Alfornelos, apresente uma diversidade de ciclos sendo eles quatro escolas do 1º Ciclo e EBA com 2º e 3º ciclos. Estes ciclos de ensino constituem o bloco estratégico na EF, ou seja, são nestes ciclos de escolaridade que se fará o tratamento das matérias na sua forma característica e que irão consumir as conquistas alcançadas no 1º ciclo, sendo o 9º ano um ano de revisão das matérias e aperfeiçoamento e/ou recuperação dos alunos para que completem os objetivos do 3º ciclo (PNEF, 2001). Assim, considero que o GEF deveria planejar em conjunto, o percurso escolar dos alunos, conferenciando e tomando decisões ao nível do currículo e dos recursos, desenvolvendo neste sentido uma estratégia curricular comum com articulação vertical e horizontal ao longo destes anos.

Aliado a este planeamento, é igualmente importante determinar o nível dos alunos no início de cada ano letivo e especialmente na entrada dos alunos no 5º ano, já que, no 1º ciclo os alunos já deveriam vir preparados para esta nova etapa, tendo aprendido e aperfeiçoado previamente as habilidades mais significativas de cada área da EF, o que nem sempre se verifica. Torna-se então fundamental proceder a uma Avaliação Inicial (AI) dos alunos com recurso à aplicação do Protocolo de Avaliação Inicial (PAI). O GEF possui um PAI, contudo ainda não é visível a sua utilização na denominada etapa de avaliação inicial, na prática letiva de cada professor.

Uma outra lacuna identificada no modo de atuação de cada professor do GEF é a avaliação sumativa. Cada professor parece estar a avaliar os seus alunos de modo diferente, enquanto o correto seria a aplicação de um documento orientador com referências e critérios de sucesso educativo bem delineados, que permitissem por fim aos cenários de subjetividade e arbitrariedade na disciplina. O GEF deveria estabelecer os critérios de sucesso e de observação de forma a criar um referencial comum a todos os professores que permitissem avaliar inequivocamente o sucesso ou o nível de execução na tarefa (Araújo, 2012). O GEF carece de reuniões periódicas de avaliação para o debate de questões relacionadas com os critérios de avaliação no sentido de homogeneizar todo este processo que deverá ser o mais transparente possível.

No que concerne às intenções educativas do GEF é também importante referir que a EBA ao dispor de um Contrato de Autonomia, reforça a possibilidade de incluir, no currículo de EF, matérias alternativas de acordo com as características da população escolar, meio onde a escola se insere e os recursos disponíveis na comunidade educativa. O GEF deveria beneficiar desta situação e decidir quais as matérias alternativas que a escola tem a possibilidade de ensinar aos alunos, promovendo algo de novo a estes jovens. Para além destas matérias foi possível constatar que nem todos os professores lecionam as matérias nucleares à sua turma, negando aos alunos uma formação eclética, diminuindo as possibilidades de formação destes jovens.

Um outro aspeto a considerar, quando um professor termina o seu trabalho com uma turma e esta vai iniciar um novo ano letivo com um professor diferente, é o fornecimento do PAT ao novo professor. Este documento orientador que representa a atividade da turma ao longo do ano, baseado na AI e reajustado de acordo com informações decorrentes da avaliação contínua, é um documento que os professores nesta escola não elaboram, não procedendo então à passagem da “pasta” ao professor seguinte para dar continuidade às aprendizagens dos alunos da turma.

Por fim, no que diz respeito às decisões respetivas aos recursos espaciais, o *roulement* deveria permitir a igualdade de oportunidades aos professores através de uma distribuição equilibrada dos espaços de maior qualidade. Apesar de a EBA proporcionar um *roulement* com uma distribuição equitativa dos espaços, as turmas não usufruem dos espaços de qualidade com regularidade, pois as aulas de pavilhão só são lecionadas de 3 em 3 semanas (Anexo 1). Ainda que os espaços exteriores sejam bastante polivalentes, há matérias que apenas podem ser lecionadas no interior. Assim, seria benéfico para os alunos e para os professores mudar de espaço com mais frequência, por exemplo se a rotação fosse feita de aula em aula, e não de semana em semana.

1.3. Núcleo de estágio

O nosso NE é composto por quatro professores estagiários, um orientador da faculdade e um orientador de escola. Ao longo de todo o ano e apesar de não termos um forte contacto direto antes do estágio pedagógico, sempre houve uma grande adaptabilidade e entreajuda entre nós. Apesar de toda a pressão dos trabalhos e da lecionação ao longo do ano, houve sempre um ambiente de cooperação e divertimento entre todos os membros do núcleo. Um dos fatores para o sucesso neste estágio pedagógico foi sem dúvida a presença de um espírito crítico, que permitiu uma boa troca

de ideias e a melhoria de todas as atividades. Foi bastante importante o facto de se ter desenvolvido uma grande amizade e coesão de grupo ao longo do processo.

Quanto ao orientador da faculdade, ao longo do ano fez sempre a ligação entre faculdade e a escola a nível mais teórico. O orientador teve ainda como função acompanhar as atividades por nós desenvolvidas ao longo do ano, através de feedbacks sobre os nossos documentos com o objetivo de melhorar em diversos pontos de todas as áreas de intervenção.

O orientador da escola cumpriu um papel com objetivos diferentes, sendo eles uma supervisão e acompanhamento da vertente mais prática de todas as áreas. Assim sendo, foi-nos possível desenvolver competências ao nível da nossa lecionação bem como ao demonstrar-nos sempre uma grande disponibilidade e transmissão de experiências muito ricas, possibilitou o fortalecimento da nossa prática pedagógica.

Outro dos fatores fundamentais para um bom desenvolvimento da nossa prática pedagógica foi sem dúvida as diferentes experiências que cada membro do NE foi adquirindo. Isto possibilitou uma boa troca de impressões entre nós através de conferências e reflexões após cada aula de cada um, uma vez que todos observámos a grande maioria das aulas de cada um. Esta transmissão de comportamentos e métodos a melhorar por cada um de aula para aula, foi também feita através de conversas informais verificadas fora da escola.

1.4. Turma 8ºD

A turma que me foi atribuída para a lecionação para o meu estágio pedagógico no ano letivo 2012/2013 foi uma turma do 8º ano de escolaridade, no caso o 8ºD. Esta turma era inicialmente constituída por 17 alunos sendo eles 4 raparigas e 13 rapazes. No entanto ao longo do ano letivo houve algumas mutações na turma com a entrada e saída de alguns alunos. Assim sendo foram inseridas 2 raparigas e 2 rapazes, ao passo que saíram da turma 4 rapazes e outro após operação não compareceu mais às aulas. Desta forma, a turma atualmente tem o mesmo número de alunos contudo é mais equilibrada quanto ao género dos alunos. As idades dos alunos rondam os 12 e os 17 anos. Quanto à proveniência dos alunos, apenas 1 aluno vem de uma escola diferente, este facto possibilitou uma boa interligação entre a turma ao longo do ano.

Tendo em vista um conhecimento mais profundo dos alunos acerca das suas expectativas em relação à disciplina de EF, solicitei aos mesmos um preenchimento de umas fichas individuais. Para além de perceber quais as expectativas dos alunos para a

disciplina, esta ficha tinha como propósito perceber se os alunos tinham hábitos e estilos de vida ativos e saudáveis. Os resultados não foram os melhores, uma vez que a maioria da turma afirmou não ter uma prática desportiva regular e hábitos de vida saudável, uma vez que não apresentavam qualquer sinal de ter cuidado com a alimentação. Este facto foi confirmado com os resultados da AI, já que a maioria dos alunos estava fora da Zona Saudável da Atividade Física (ZSAF) em quase todos os testes efetuados. Ainda através deste inquérito foi-me permitido perceber que alguns alunos têm uma baixa pré-disposição para a prática desportiva, no entanto ao longo do ano foi-me possível verificar que esta turma é bastante boa na generalidade das matérias.

Ao longo do ano a minha turma demonstrou uma boa evolução quanto à distribuição da mesma em grupos de nível. Este facto não foi bem recebido pelos alunos inicialmente, mas com o decorrer das aulas, todos os alunos perceberam que esta divisão demonstrou ser a melhor opção de trabalho. Uma vez que os inicialmente boicotaram algumas aulas por não gostarem do grupo onde estavam inseridos e por fim verificou-se uma boa interação e espírito de grupo. Para este facto também contribuiu a realização do estudo de turma onde foi aplicado o estudo sociométrico, inserido na área 4 do Estágio Pedagógico. Este estudo permitiu recolher informações pertinentes para a formulação dos grupos de forma coesa e que fosse a melhor para todos sem que houvesse rejeições de alguns alunos. De forma a evitar essas rejeições, promovi também a inclusão dos alunos teoricamente mais fracos na disciplina, para que pudessem demonstrar ou ter papéis de destaque na turma.

Ao longo do ano letivo, foi bastante visível uma evolução tanto nas habilidades motoras como no comportamento dos alunos. No entanto foi preciso adaptar-me aos métodos de trabalho da turma, ou seja, não ter muitos tempos de instrução, passando rapidamente para a prática. Após a implementação de diversas rotinas, a turma passou a trabalhar muito bem, estando os alunos maioritariamente empenhados e motivados para a prática desportiva. Porém, na turma há três alunos potencializadores de comportamentos desviantes, para os quais, no sentido de prevenir os mesmos, implementei para estes papéis de destaque no seio da turma, estimulando-os para as demonstrações ou questionamento sistemático. Estes elementos destabilizadores têm os mesmos tipos de comportamentos nas salas de aula, tal como foi sendo transmitido nos CT realizados ao longo do ano letivo. Nestas reuniões foram também discutidas as competências de toda a turma, neste sentido foi interessante verificar que apenas um aluno no 2º período não tinha uma única negativa.

Apesar de no início a turma e eu próprio termos uma relação não muito positiva devido a algum conflito após comportamentos negativos dos mesmos, a partir do 2º período houve uma ótima evolução na relação professor aluno e vice-versa. Esta evolução permitiu um melhoramento no clima de aula e, por consequência, todos alunos no geral melhoraram muito as suas competências motoras. Para isto muito contribuiu a minha evolução na minha prática pedagógica onde fui demonstrando uma boa transmissão das diversas componentes das matérias, bem como uma boa implementação de rotinas, criação de tarefas desafiantes e constante transmissão de direcionamento das aprendizagens através da avaliação formativa.

1.5. Experiências e expectativas

A escolha da escola onde iria fazer o meu estágio pedagógico foi feita sem qualquer tipo critério, uma vez que sempre estive disposto a aceitar qualquer desafio.

O meu percurso enquanto estudante, iniciou-se nas escolas da minha área de residência, sendo este percurso feito sem qualquer reprovação e com notas razoáveis. Durante este tempo sempre fui um aluno de excelência a EF, e sempre fui praticante de uma modalidade, inicialmente futebol e posteriormente e até aos dias de hoje futsal. A minha chegada à Universidade, marcou um ponto de viragem na minha vida, uma vez que percebi que realmente sem estudos não é possível evoluir enquanto homem e cidadão. A minha formação iniciou-se no Instituto Superior de Ciências Educativas, onde fiz a licenciatura. Posteriormente continuei a minha formação com a transferência para a Faculdade de Motricidade Humana, onde tive uma formação muito rica tanto ao nível teórico como ao nível prático

Particularmente a minha vida como atleta, foi iniciada com 6 anos no Atlético Clube do Cacém, com a prática de futebol. Desde cedo procurei praticar desporto e o máximo de atividade física possível, pois sempre brinquei com os meus amigos na rua, no colégio e no clube. Com a mudança de casa fui forçado a deixar o futebol, mas rapidamente procurei diversos clubes para voltar a praticar desporto, e desta forma iniciei a prática do futsal. Esta modalidade permitiu-me uma boa evolução enquanto atleta e pessoa, uma vez que experienciei jogos contra as grandes equipas da modalidade, bem como a chamada à seleção do distrito de Lisboa. Através desta prática foi-me permitido experienciar e compreender os valores como o esforço, a dedicação, o espírito de grupo e ainda espírito competitivo.

Aos 17 anos iniciei a minha experiência enquanto monitor de férias letivas e em componentes de apoio à família. Estas atividades passaram pela dinamização de atividades, vistas a museus e idas à praia com as crianças do 1º ciclo da escola de Telheiras. Esta experiência decorreu ao longo de 4 anos, nos quais pude adquirir competências com as quais a interação com os alunos da minha turma foi facilitada. Ao longo da minha licenciatura foi-me possível conciliar os horários letivos, com os horários da faculdade, o que me trouxe alguma independência e experiência na área da educação. Ao longo destes anos a minha prática baseou-se no 1º ciclo, no entanto durante um ano tive a oportunidade de desenvolver diversas atividades com crianças do JI. Esta experiência foi também bastante recompensadora, uma vez que é nestas idades que o nosso trabalho como professores ou monitores é mais reconhecido pelas crianças.

Durante os últimos anos, tenho percebido que não é só de trabalhos remunerados que a minha formação evolui, por isso, fui realizando sempre que possível trabalhos como voluntário. Estes trabalhos passaram por exemplo pelo direccionamento dos adeptos em eventos desportivos, como fases finais do campeonato nacional de futsal, *final four* da *futsal cup* ou no evento da designação das “7 Maravilhas do Mundo”. Como voluntário participei também em diversos festivais de jovens, nomeadamente em 2006 e 2009 em Estugarda, na Alemanha. Nestes festivais, pude estar em contacto com inúmeros jovens de várias nacionalidades, trocando experiências crenças e valores. Este facto foi também verificado quando estive envolvido num projeto triangular entre Portugal, Alemanha e Áustria, onde foram transmitidos os diversos sistemas de educação e desporto dos três países, assim pude alcançar um bom conhecimento destes fatores tanto teoricamente como na prática e *in loco*. Participei ainda em várias palestras como orador, onde pude transmitir a jovens com idades compreendidas entre 12 e 16 anos, a minha experiência enquanto aluno e praticante de Desporto.

Considero que estas atividades de voluntário permitiram-me enriquecer mais enquanto cidadão e praticante de desporto. Através delas pude experienciar momentos de vitória do meu clube, tais como a conquista da *futsal cup* em Lisboa e ainda a conquista de dois campeonatos nacionais, também na modalidade de futsal.

Outro dos fatores para o meu conhecimento de diferentes realidades, é o facto de já ter viajado por 9 países, todos com as suas particularidades e onde em todos tive oportunidade de conhecer as suas origens e culturas, através das idas a museus e pontos de referência desses países.

Todos os aspetos referidos anteriormente, permitiram-me encarar o estágio pedagógico de uma forma mais séria e com fundamentos teóricos para que a minha prática pedagógica fosse a melhor. No entanto, deparei-me com uma população muito particular, cujos problemas, valores e crenças eram muito diferentes de tudo o que havia experienciado. Assim, é neste estágio pedagógico que sinto que tive uma melhor aprendizagem do que é efetivamente ser professor de EF, todas as suas decisões, todas as suas atitudes, todas as suas vivências. E um dos factos mais relevantes adquiridos neste ano de estágio foi sem dúvida a importância que a relação professor-aluno tem nas aprendizagens dos mesmos, uma vez que sem esta relação as aprendizagens vão ser menos eficazes e, nos dias que correm esta relação é cada vez menos verificada nas escolas.

II. Análise crítica e reflexiva da formação

Como foi referido anteriormente, o processo de formação envolve as quatro áreas já mencionadas. Em seguida, será apresentado todo o trabalho desenvolvido nessas áreas, primeiramente direcionado para a turma e, posteriormente, direcionado para a escola. Assim sendo, o trabalho referente ao primeiro ponto diz respeito ao planeamento, avaliação e condução do ensino, bem como todo o trabalho ao nível da turma. Posteriormente será apresentada a atividade desenvolvida na escola, a qual engloba todo o trabalho efetuado nas áreas 2, 3 e 4, e ainda a ação de integração com o meio.

É preciso perceber que todas estas divisões servem somente para uma organização temporal, já que, a interligação entre todas elas fazem com que a minha prática pedagógica, tanto a nível prático como administrativo, seja melhorada. Assim sendo, uma boa implementação destas competências servirá para um bom desempenho como professor.

2.1. Trabalho na turma

O trabalho que desenvolvi com a turma que me foi atribuída, teve por base um conjunto de decisões que tomei tanto ao nível do planeamento como da avaliação e da condução de ensino. Estas foram determinantes para a aprendizagem da minha prática pedagógica.

O planeamento surge como parte integrante do processo ensino-aprendizagem, pois, é através dele que a área da avaliação e da condução do ensino poderão ter maior

consistência. Só através da ótima interligação entre estas três subáreas, é possível obter uma aula de boa qualidade e, conseqüentemente, um processo de ensino-aprendizagem com resultados efetivos.

O processo de planeamento começou a ser delineado, mesmo antes de se iniciarem as aulas, com a elaboração do PAI (Anexo 2). Este foi feito em conjunto com o NE. Este documento teve como base um PAI elaborado no ano passado, numa das unidades curriculares por nós frequentada. Importa salientar que, apesar da existência de um PAI no GEF, este não está a ser aplicado pelos professores. Devido à nossa in experiência sentimos algumas dificuldades na adaptação dos critérios de êxito aos nossos anos de escolaridade que, segundo Carvalho (1994) têm de ser ambiciosos mas concretizáveis. Contudo, após a aplicação do documento, ao longo da AI fomos percebendo que os indicadores de observação estavam em demasiado número, e a sua implementação difícil de averiguar para todos os alunos, pelo que, foi sendo necessária a sua readaptação. Este foi um fator que prolongou a AI para além das 4 a 5 semanas que o PNEF (Jacinto et al., 2001) recomenda. No entanto, vista a importância que a AI acarreta para as decisões e implementações dos objetivos para todo o ano letivo (Carvalho, 1994), não pude descurar a abordagem racional a todas as matérias, de forma a avaliar o nível dos conhecimentos e das habilidades motoras dos alunos.

Para o planeamento da AI tive em conta todos os recursos (materiais, espaciais e temporais) da escola. Nesta fase, e para uma melhor perceção das habilidades motoras dos alunos, considerei importante que a mesma matéria fosse abordada pelo menos em duas aulas, para assim perceber se efetivamente se os alunos cumprem, ou não, os critérios para conseguirem alcançar determinados níveis. A consequência disto foi o prolongamento da AI para 8 semanas. No entanto, o ponto mais positivo foi, sem dúvida, o facto de conseguir avaliar todas as matérias nucleares (exceção da natação), referentes ao 8º ano de escolaridade, o que levou a uma melhor preparação das matérias prioritárias para o ano letivo. Este atraso na AI serviu para perceber a real importância que o planeamento tem para o complemento das outras subáreas da lecionação, uma vez que as grelhas do PAI ao serem bastante criteriosas, prolongaram a duração desta etapa.

Nesta fase, o planeamento foi sendo feito aula a aula (Anexo 3), o que permitiu que fossem efetuados reajustamentos ao longo da etapa consoante as avaliações dos alunos e/ou os meus registos das mesmas. Considero que este planeamento foi o mais adequado devido à minha in experiência no planeamento das aulas, o que permitiu um

constante ajuste do mesmo, sempre que era conveniente. Se eu tivesse optado por um planeamento por Unidades de Ensino (UE), que é feito a curto prazo, este teria como consequência o planeamento para cerca de duas semanas, onde os objetivos seriam projetados de forma não muito fidedigna pois o conhecimento da turma não era o suficiente para a perceção das evoluções dos alunos nesse período de tempo. Desta forma penso que seja mais benéfico fazer o planeamento aula a aula e, somente após a conclusão da AI, onde já estão estabelecidas todas as componentes respeitantes às aulas, tais como, os grupos de nível, os exercícios mais adequados e, acima de tudo, as matérias prioritárias, aí sim iniciar o planeamento por UE.

No PAI, as grelhas apresentadas continham os critérios de êxito com as quais os alunos iriam ser avaliados durante toda a AI (Anexo 4). Os mesmos foram também decisivos para a averiguação dos níveis dos alunos definidos pelo PNEF (Jacinto et al., 2001). Assim sendo, devido ao facto de não haver nenhum documento estruturante utilizado por todo o GEF relacionado com a AI, foi necessário o NE implementar uma forma de posicionar os alunos nos diversos níveis. Desta forma, tal como Araújo (2007) defende, foi implementado o critério das partes de nível, ou seja, NI, PI, PE e PA. Este facto melhorou bastante a avaliação dos alunos, pois permitiu diferenciar os mesmos pelos que cumprem alguns dos objetivos para um nível e os que não atingem pelo menos um dos objetivos desse nível. Por exemplo, um aluno está no nível PI, PE ou PA quando atinge somente alguns objetivos do nível I, E e A, respetivamente. Esta foi uma informação transmitida aos alunos logo na primeira aula e, sobre a qual, os mesmos tomaram conhecimento pela primeira vez.

A AI foi, sem dúvida, uma etapa fulcral para o desenvolvimento da minha intervenção pedagógica. Para esta, também contribuiu o facto de ter observado, por diversas vezes, as aulas dos vários professores do GEF. Estas observações permitiram ampliar o meu conhecimento ao nível de progressões adequadas a diversos grupos tendo em consideração diversas matérias, como é o caso das disciplinas do atletismo.

Esta é também uma fase onde é determinante assimilar várias rotinas organizativas e introduzir determinadas sinaléticas por parte do professor. Desta forma, foram implementadas junto da turma algumas estratégias ao nível do comprometimento dos alunos para com o professor. A implementação destas regras e rotinas vai claramente ao encontro do que refere Carvalho (1994), quando esta mesma afirma que, na AI para além dos alunos serem avaliados, também têm de ser estabelecidas normas e rotinas de organização da turma.

Durante a AI, no sentido de conseguir registar todas as competências dos alunos e, ainda, pelo facto de haver alguma dispersão da turma pelo elevado número de estações, senti que a avaliação dos alunos ficou fortemente comprometida. Ou seja, as inadequadas grelhas de observação retiraram tempo útil de fornecimento de FB. No entanto, contei com a ajuda dos meus colegas de NE para a avaliação dos alunos em algumas aulas da AI. Este facto foi bastante importante pois, nestes dias, consegui obter muito mais informação útil acerca das habilidades motoras dos alunos, o que, devido à minha inexperiência, era muito mais difícil de verificar numa grande diversidade de estações de trabalho.

Os JDC constituem uma área com particular dificuldade de observação. Existem alunos que são menos participativos na situação de jogo, mas que, quando enquadrados em exercícios critério mais simples, conseguem cumprir determinados objetivos. Contudo é de assinalar toda a ajuda dada pelos restantes membros do NE, já que foram preenchendo as grelhas de avaliação dos meus alunos. Este facto facilitou bastante a AI dos alunos. Apesar de algumas discordâncias iniciais em relação aos critérios atingidos pelos alunos, penso que a AI saiu beneficiada já que todos nós tivemos a oportunidade de experienciar vários momentos de avaliação na turma de cada um e, neste sentido melhorar os nossos próprios processos avaliativos. Após cada aula, houve sempre uma reunião no sentido de melhorar as avaliações e adequar os critérios e exercícios para a avaliação dos alunos. Não obstante, a observação das tarefas dos alunos não deverá ser feita envolvendo demasiados critérios, mas sim, globalmente identificando os alunos que não se destacam pela positiva ou negativa, porque são esses que vão necessitar de mais análise da nossa parte para averiguação do respetivo nível (Carvalho, 1994). Desta forma a construção dos exercícios deverá ser feita de forma que alunos possam demonstrar ao máximo as suas capacidades. Para isto também contribuiu a minha experiência ao nível dos JDC, já que sou praticante federado, o que me leva a ter uma visão diferente, quando comparada com alguém que não tenha tido esse contacto com modalidades coletivas.

Devido ao desconhecimento inicial do modo de funcionamento da turma, no arranque da etapa de AI procedi à formação de grupos de trabalho heterogéneos. Com o decorrer das aulas, os planos de aula foram sendo adaptados, tendo em consideração o desempenho dos alunos em algumas matérias (ex: JDC), para a constituição de grupos homogéneos. Esta fase de transição foi como que um teste no qual fui experimentando alguns grupos de trabalho, uma vez que, os grupos nem sempre foram constituídos tendo por base as capacidades dos alunos, mas sim pelo nível de relacionamento entre eles.

Contudo, esta estratégia apenas foi usada em aulas em que os alunos estavam mais agitados e desta forma trabalharam mais motivados.

No intuito de perceber até que ponto a constituição de grupos feita por mim ao nível do relacionamento entre eles é a mais acertada, procedi à elaboração do teste sociométrico, apresentado no quadro seguinte.

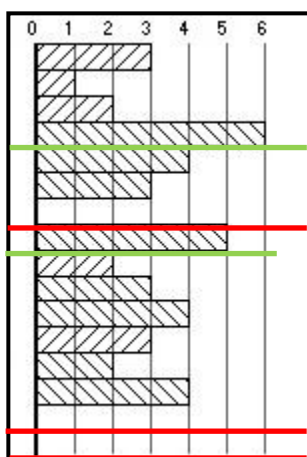


Gráfico 1. Quem gostarias que se sentasse contigo na sala de aula?

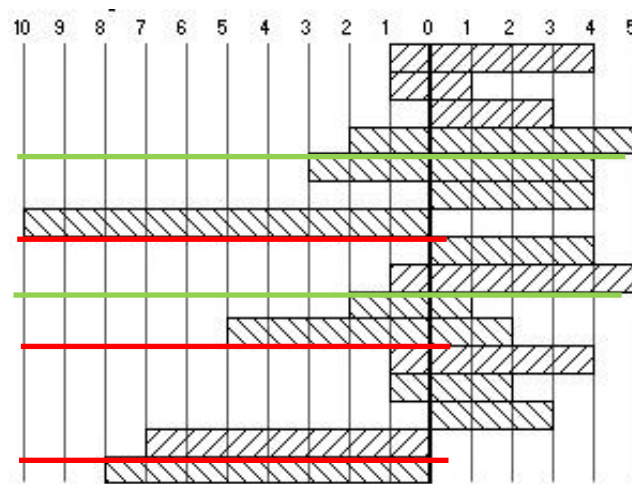


Gráfico 2. Quem convidarias para a tua festa de anos?

Este estudo revelou resultados bastante interessantes, especialmente na averiguação dos alunos rejeitados e líderes. Assim fiz um *transfer* para a construção da aula, na atribuição de papéis de destaque aos rejeitados (através da demonstração ou liderança) e um papel de responsabilidade e liderança aos líderes. Tal como está explícito nos gráficos acima, através dos alunos com menos relações ou com relações de rejeição (vermelho), e os alunos mais populares na turma (verde)

Tendo em consideração tanto os resultados da AI como o estudo de turma, procedi à constituição de grupos homogêneos. Estes grupos foram tendo algumas adaptações ao longo do ano letivo tendo em conta a evolução dos alunos em determinadas matérias, bem como a rotação dos alunos medianos entre o grupo mais forte e o grupo mais fraco. Esta foi também uma estratégia que deu bons resultados, já que junto dos alunos com melhores desempenhos estes alunos medianos superavam-se e no grupo com fraco desempenho eram usados como agentes de ensino. Outro dos fatores foi o número de alunos presentes na aula, uma vez que a grande parte dos

alunos, apesar de estarem presentes, não faziam a aula, pelo que, por vezes, as aulas eram lecionadas para 8 alunos.

Desta forma a turma acabou por trabalhar diversas vezes de forma massiva. Quanto aos alunos que não faziam a aula, inicialmente elaboravam um relatório de aula, onde faziam um relato específico de todas as componentes da aula. Todavia, este facto foi deixando de ter o efeito desejado, porque os alunos passaram a fazer um auxílio à minha intervenção pedagógica no sentido da manipulação do material.

No que concerne à área da aptidão física, a aplicação dos testes do FitnessGram (The Cooper Institute for Aerobics Research, 2007) foi feita sem muitos problemas uma vez que deleguei aos alunos funções de correção de movimentos e contagem dos mesmos. Ainda assim, senti a necessidade de supervisionar ambas as tarefas uma vez que os alunos foram sempre tentando “ajudar” os colegas. Os testes realizados foram, aptidão aeróbia: vaivém; flexibilidade: ombros, extensão do tronco, senta e alcança e força: média (abdominais) e superior (extensões).

Na minha turma foi possível verificar logo no início que não havia casos de obesidade, contudo, houve necessidade de adaptar alguns exercícios para um aluno com muitas dificuldades a nível motor. Esta fase permitiu ainda perceber que existem alguns testes que são de dificuldade elevada para os alunos, como é o caso da força superior (extensões). Sendo que a avaliação deste teste não foi valorizado no 1º período, com vista à melhoria das competências dos alunos para o restante ano letivo. Esta melhoria foi promovida através de muitas repetições dos movimentos, ou seja, esta foi uma matéria para a qual a turma trabalhou bastante, mostrando os seus resultados no final do ano.

Para a averiguação dos resultados os alunos eram colocados dentro ou fora da ZSAF, consoante o alcance do número mínimo de repetições definidos na tabela de referência. Quanto ao nível dos resultados dos testes, penso que foram razoável, pois apenas um aluno estava dentro da zona saudável em todos os testes elaborados e a maioria da turma tinha pelo menos um teste positivo em todas as áreas (flexibilidade, força e resistência).

Relativamente à área dos conhecimentos, foi mais desenvolvida durante as aulas práticas através da transmissão dos conteúdos e posteriormente no questionamento aos alunos acerca das regras básicas das matérias abordadas. Este foi efetuado tanto no início, como no final da aula, com o objetivo de perceber o nível dos

conhecimentos dos alunos e ensinar os conteúdos. Para além disto, foi também distribuída no início do ano letivo uma ficha diagnóstico com perguntas, não só acerca das matérias da EF, mas também acerca dos benefícios da mesma, na qual os alunos demonstraram um fraco conhecimento básico (Anexo 5).

Este desempenho surpreendeu-me, uma vez que, com as suas idades, estes alunos já deveriam ter adquiridas muitas das competências questionadas. Assim, tornou-se pertinente a superação desta lacuna nos conhecimentos dos alunos, pelo que procedi frequentemente a questões relacionadas com os benefícios da EF, as capacidades potenciadas através da EF e ainda das regras das matérias de EF, bem como, à entrega de fichas com as matérias designadas (Anexo 6). A este nível verifiquei que a turma evoluiu bastante já que, a insistência constante no questionamento destas matérias permitiu que a maioria dos alunos terminasse o ano a conhecer as quatro capacidades físicas bem como os benefícios que a EF lhes traz para a sua vida enquanto jovem e no futuro como adulto.

Quanto ao conhecimento das regras e componentes críticas das modalidades, foram desenvolvidas através do jogo dirigido e também com o questionamento em vários momentos do próprio jogo. No início, as paragens no jogo não foram bem recebidas pelos alunos, porém, após alguma insistência da minha parte, foram começando a fazer sentido para os alunos, uma vez que perceberam que desta forma as suas aprendizagens saíam reforçadas.

Com a conclusão da AI, o meu principal objetivo foi elaborar o Plano Anual de Atividades (PAT), tendo este como principal objetivo refletir acerca das matérias prioritárias, os grupos de nível para cada matéria, considerando o nível prognosticado para cada aluno em todas as matérias e ainda a forma como se dividiria cada etapa de ensino e respetivas UE (Anexo 7).

O PAT perspetiva o ano letivo tendo em consideração os resultados da AI. É neste plano que estão implícitas todas as decisões para a turma, tanto na escolha das matérias prioritárias, como na formação dos grupos.

Para a construção do PAT é necessária uma interpretação das decisões pedagógicas adequadas e na qual seja possível uma definição do nível de cada um (Carvalho, 1994). Estão também representadas as 3 etapas do processo de planeamento em que se divide o ano letivo Para além da AI, são elas: a etapa das Prioridades de Aprendizagem; a etapa de Aprendizagem e Desenvolvimento e, por último, a etapa de

Desenvolvimento e Consolidação. A divisão das UE dentro das etapas foi feita com o propósito de distribuir as primeiras tendo em conta as semanas de cada uma delas. Cada UE foi constituída por quatro a seis aulas que ficaram distribuídas da seguinte forma 3 UE na 2ª etapa, 4 UE na 3ª etapa e 2 UE na 4ª e última etapa. A construção das UE teve sempre por base os recursos materiais, espaciais e temporais (Anexo 8).

Particularmente os espaciais, onde foi necessário verificarem sempre a relação do número de aulas no interior ou no exterior, consoante o roulement, para a definição das matérias. Mas fundamentalmente eram as prioridades de formação dos vários grupos de alunos na turma que estariam na base na construção de todas as UE. Neste sentido a minha planificação não teve que ser muito alterada, uma vez que estava em semanas alternadas no pavilhão e no espaço exterior. No entanto, o FB recebido pelos meus colegas do NE, o *roulement* utilizado pelo GEF, torna o planeamento um pouco difícil, já que tem de se planejar tendo em consideração a constante mudança de espaço, ou seja, uma semana em cada espaço da escola, sendo que dois são no exterior. Apesar de ser um *roulement* aplicável e que permite uma passagem igualitária pelos espaços da escola julgo que se deveria distribuir na mesma semana pelos espaços, ou seja, a primeira aula ser num espaço e a segundo noutro e assim sucessivamente. Desta forma penso que a utilização dos espaços seria mais uniforme e racional.

Após a construção do planeamento por etapas deve-se de iniciar o processo de Avaliação Formativa (AF), no intuito de orientar os alunos para o aumento e consolidação das suas competências. Todavia, nesta fase, este processo foi um pouco descorado no que respeita à transmissão aos alunos, uma vez que a recolha de informação foi sendo sempre efetuada, faltando apenas a sua transmissão da mesma aos alunos. Assim considero que este é um dos fatores que terei de melhorar ao longo da minha vida enquanto professor de EF, uma vez que quando a transmissão da AF foi efetuada, houve algum melhoramento nas competências dos alunos, pois estes tinham acesso a fichas com a informação do seu nível numa determinada matéria e os objetivos para o alcance no nível seguinte (Anexo 9). Contudo nem sempre esta transmissão foi bem recebida por alguns alunos ao demonstrarem desinteresse, através do ato de deitar fora as fichas recebidas.

Este processo avaliativo tem também de ser algo sistematizado durante todo o ano letivo, de forma a manter uma coerência entre os instrumentos utilizados e os dados recolhidos. Neste sentido penso que é relevante haver uma maior incidência na diversificação dos instrumentos da AF, para que a avaliação dos alunos possa ser mais

acompanhada pelos próprios mas também se possível chegar até aos EE. Tal como refere Carvalho (1994), quando afirma que através da transmissão da AF aos alunos, estes passam a comprometer-se com todo o processo ensino-aprendizagem e permitem-lhes desenvolver um espírito crítico em relação às suas competências na EF.

Assim, esta avaliação é defendida por, Cardiner (1986)⁴, como sendo algo que tem de ser visto através da sua multiplicidade de funções, sendo ela orientadora, reguladora e certificadora. Desta forma, torna-se fundamental um controlo sistemático deste procedimento essencial para todo o processo ensino-aprendizagem.

A elaboração do PAT surge, então, como algo essencial para a definição do trabalho a ser desenvolvido pela turma ao longo de todo o ano letivo. É neste documento que se encontram definidas todas as minhas decisões nos diferentes níveis referentes ao processo ensino-aprendizagem. É a partir do mesmo documento que saíram todas as linhas orientadoras para a distribuição das etapas e UE ao longo do ano, tendo em consideração as matérias prioritárias referidas e a evolução dos alunos. Esta evolução surgirá no decorrer do ano, caso se justifique uma modificação nas habilidades motoras dos alunos. Facto que torna este um documento vivo, que se constitui como uma linha orientadora e passível de modificações (PNEF, 2001).

A planificação para a totalidade do ano escolar foi, sem dúvida, algo em que manifestei alguma dificuldade, uma vez que neste documento se torna necessário criar desde logo situações de aprendizagem que proporcionem aos alunos experiências para que os mesmos tenham sucesso na EF e alcancem os níveis para eles prognosticados. Tendo um conhecimento um pouco vago dos alunos, observado apenas com o resultado da recolha de informação da AI, associado à minha inexperiência em avaliação. Desta forma, os objetivos inicialmente traçados mostraram ser demasiado ambiciosos para cada grupo de nível. Tal facto ficou a dever-se igualmente ao desconhecimento inicial do ritmo de aprendizagem dos meus alunos. Assim, houve necessidade de ao longo do ano este PAT ser reformulado. Assim, e para o meu futuro como professor, terei de ter uma reflexão mais cuidada na elaboração do PAT de cada turma de forma a escolher os melhores objetivos para os alunos, para que o processo ensino-aprendizagem não seja prejudicado.

Este processo é também fortemente influenciado com a congruência entre todos os documentos subsequentes ao PAT, uma vez que estes têm de seguir uma lógica de

⁴ Citado por Araújo (2007:1)

progresso entre etapas e ajustamentos de UE para UE. Logo tentei executar todas as UE tendo em consideração as respetivas etapas e estas em consideração com o PAT. Esta relação foi bastante positiva uma vez que a distribuição das matérias demonstrou ser pertinente, já que todos os objetivos foram evoluindo consoante a evolução das aprendizagens dos alunos. Para uma reformulação rigorosa e acertada do PAT é necessário cruzar as avaliações formativa e sumativa, facto que efetuei de uma forma positiva, com a reformulação do currículo de matérias como a patinagem e o badminton.

Logo a partir da 1ª UE (Anexo 10), os objetivos foram ajustados ao nível dos alunos e as matérias prioritárias referidas previamente foram, desde logo, trabalhadas através de exercícios adaptados a cada grupo de nível e que permitissem o alcance de dois ou três objetivos por matéria.

A 2ª etapa de aprendizagem foi constituída por três UE e teve o seu término na terceira semana do 2º período (Anexo 11). Esta duração aconteceu devido ao alcance por parte dos alunos dos objetivos inicialmente propostos para esta UE. Esses objetivos incidiram no desenvolvimento e aprendizagem das matérias prioritárias, sendo elas lecionadas mais frequentemente que outras matérias destinadas ao trabalho em autonomia.

Ao longo desta etapa determinei uma ordem de trabalhos, sendo que ao existirem dois grupos na aula, um grupo estaria em situação de observador e a dar FB e o outro estaria a trabalhar em autonomia com matérias, geralmente, dos JDC. As aulas de 90' serviram essencialmente para a transmissão das bases através dos exercícios critério com os quais eram trabalhadas as formas jogadas (no caso dos JDC), e posteriormente era então trabalhado o jogo formal dirigido. Este jogo formal não se verificou ainda em quantidades ótimas nesta etapa de aprendizagem.

Nas aulas de 45' eram igualmente trabalhados exercícios semelhantes, de forma a haver uma consolidação das aprendizagens. Ainda que nesta etapa não tenha existido muito jogo formal ou situações de competição entre os alunos, penso que houve um melhoramento das competências dos alunos através da repetição e da intensidade imprimida nas aulas. Esta intensidade nem sempre foi possível implementar, principalmente nas aulas de 90', pois estas são aulas demasiado grandes para a concentração e motivação dos alunos. Tal como foi verificado ao longo do ano, apesar de a minha turma ter uma grande predisposição para a prática, em determinadas aulas, a intensidade da aula baixava muito a partir dos 60'. Neste sentido penso que as aulas com

cerca de 50' seriam as mais adequadas para a prevenção de comportamentos desviantes, para mais intensidade e, o mais importante, mais e melhor aprendizagem. Assim, as aulas teriam um tempo útil de cerca de 40', tendo em consideração os tempos de entrada e saída dos alunos.

Ao nível do atletismo, as suas disciplinas foram sendo um pouco difíceis de implementar, uma vez que eram feitas imensas progressões adequadas a cada grupo no sentido de melhorar as aprendizagens dos alunos a todos os níveis. No entanto, o elevado número de repetições verificado em alguns exercícios, fez com que as disciplinas do atletismo não dessem motivação aos alunos. Para isso, e tendo em consideração o nível de competição para o qual os alunos estão sempre dispostos, foram propostos diversos exercícios em forma de competição com o objetivo de dar mais motivação para a prática das mesmas. Contudo, nem sempre resultou da melhor forma esta estratégia, apesar de quando foi bem recebida pelos alunos, ter sido algo que provocou junto dos mesmos uma atitude de superação muito elevada, e uma consequente melhoria ao nível das suas competências. Isto foi mais observado na corrida de barreiras e na corrida de estafetas.

As UE constituem-se como documentos de trabalho com um grau de aplicabilidade elevado, pelo que os objetivos específicos estavam descritos em conformidade com os grupos de nível, bem como as exercícios onde seriam aplicadas. Desta forma estava explícita a diferenciação do ensino, indo ao encontro com o PNEF (2001), que refere que é desejável a diferenciação dos objetivos operacionais. Assim, este facto foi sempre implementado através da elaboração de tabelas suportadas com fichas de registo, nas etapas e UE seguintes.

Através do FB dos orientadores, após a conclusão da 1ª etapa de formação, percebi que a AF estava a ficar descorada, no que à transmissão da informação aos alunos dizia respeito, pelo que senti necessidade de melhorar neste aspeto como refere Carvalho (1994), a transmissão da AF aos alunos demonstra imensos benefícios, entre os quais, o aluno tem consciência das suas limitações, conhece o que se espera dele, os objetivos e os critérios de êxito das matérias por ele executadas. Tendo estes aspetos em linha de conta, comecei a implementar a AF no início da 3ª etapa de aprendizagem.

Assim, todos os dados recolhidos ao longo da 2ª etapa foram introduzidos nos processos dos alunos, e a partir daí estes foram situados nos níveis adequados sendo que essa mesma informação chegou-lhes através de fichas com as matérias a serem

lecionadas nessa mesma UE bem como os objetivos específicos para o alcance do nível superior. As transmissões desta avaliação foram sistematicamente efetuadas nas aulas de 90' já que nas aulas de 45' o tempo ficaria um pouco limitado para a prática motora.

Tal situação veio trazer à turma uma motivação extra, inicialmente, porque no final da 3ª etapa esta situação tornou-se de difícil execução uma vez que os alunos não davam qualquer atenção à informação fornecida.

Quanto à avaliação sumativa, foi elaborada sem qualquer dificuldade uma vez que os critérios foram fornecidos pelo orientador de escola que estavam de acordo com as Metas de Aprendizagem (Ministério da Educação, 2010). Logo apenas foi necessário agrupar toda a informação recolhida de todas as três áreas do ensino da EF e fazer os somatórios, refletindo também acerca das atitudes e valores dos alunos sendo que os mesmos estão integrados nas AFD (Anexo 12). Nesta avaliação, tornou-se fulcral todos os dados recolhidos com a avaliação formativa ao longo das etapas.

No que concerne à minha prática pedagógica, nomeadamente na condução do ensino, sinto que teve alguns altos e baixos. Esta começou por ser marcada por algumas situações de conflito com os alunos e, por vezes instalando-se um ambiente um pouco negativo em torno da aula, devido a uma maior rigidez na minha relação com a turma. Todavia, após uma análise e introspeção feitas sobre os meus objetivos para o estágio pedagógico, durante as interrupções letivas do Natal, resolvi mudar a minha atitude perante os alunos e relativizar alguns comportamentos desviantes. Desde então, toda a minha prática pedagógica sofreu alterações bastante positivas, já que a partir daí me senti perfeitamente à vontade para ensinar os alunos e não estar constantemente a atenuar os comportamentos referidos.

Para tal mudança, em muito contribuiu os FB recebidos tanto do orientador de escola como dos meus colegas do NE, que foram reforçando tanto os meus pontos fortes como os da turma. Assim, tal como Onofre (1996) refere, é a partir da supervisão pedagógica que professores com menos experiência conseguem adquirir capacidade de análise, reflexão e compreensão do próprio ensino. Desta forma, é demonstrado o papel preponderante que os orientadores têm na formação dos estagiários, orientando-os para uma prática pedagógica eficaz nas aprendizagens dos alunos.

Após cada aula foi efetuada uma reunião de NE com o objetivo de debater as componentes da mesma, com o intuito de perceber os pontos fortes, os menos fortes e

os pontos a melhorar, e foi aqui que muitos dos problemas da prática pedagógica de todos os membros do NE foram debatidos e solucionados.

Tendo também em vista um melhoramento da prática pedagógica de todos os membros do NE, foi também construído, ao longo da 3ª etapa de formação, o projeto de observação interpares (Anexo 13), com o intuito de promover o nosso sentido crítico em relação às aulas dos pares e do orientador. Nestes sentido, procedemos à elaboração de uma ficha de observação onde estavam descritos alguns pontos que determinámos como fundamentais para uma aula de excelência de EF (Anexo 14). Neste projeto está também descrita a distribuição das observações por toda a etapa, sendo que teríamos de observar 10 aulas de cada par e mais 6 do nosso orientador de escola e ainda teriam de ser filmadas, pelo menos, uma aula por etapa de formação. Todas foram efetuadas, contudo, devido à falta de material audiovisual nos momentos apropriados, só foi possível gravar duas aulas na 2ª etapa de formação.

Ao longo das observações, cada estagiário foi definindo quais as suas possíveis lacunas, e assim através da observação dos pares, perceber até que ponto a sua percepção é real.

No intuito de avaliar o nosso próprio comportamento perante a turma, estabelecemos também um ponto neste projeto, referente à gravação de aulas ao longo do ano, concretamente uma aula em cada etapa de formação. Esta análise passou pela aplicação de vários sistemas de observação, nomeadamente a Gestão do Tempo da Sessão (GTS), Sistema do Comportamento do Professor (SCOP), Sistema de Observação do Comportamento do Aluno (SOCA) e ainda o Sistema de Observação do FB (SOFB) (Moreira e Ferreira, 2008). As indicações do guia de estágio referem que devem ser filmadas 3 aulas ao longo do ano letivo, sendo que seria uma em cada etapa de formação, contudo apenas filmei duas aulas e ambas na 2ª etapa de formação.

Tendo em consideração os estilos de ensino, penso que a minha abordagem foi a mais correta ao longo do ano, já que face às características agitadas e viradas para comportamentos fora da tarefa da turma, os estilos de ensino utilizados na minha prática pedagógica passassem essencialmente pelo comando e tarefa, classificados como convergentes, ou seja, mais centrados na ação e iniciativa do professor.

Era meu objetivo implementar um leque mais variado de estilos de ensino, tal acabou por não ser possível devido aos comportamentos sistematicamente evidenciados pela turma. Mosston e Ashworth (2008) referem que o professor terá de, dentro do vasto

leque de estilos de ensino, adaptar os que mais se adequam às características das suas turmas. Assim, julgo que as opções por mim tomadas nas decisões dos estilos de ensino foram as mais adequadas, tendo em conta as características da minha turma. Apesar de no PAT estarem referenciadas algumas estratégias de implementação de mais estilos de ensino, pelo que os resultados não foram os mais positivos.

Não obstante, com o passar do tempo e com o objetivo de conseguir um maior grau de autonomia por parte dos meus alunos, instaurei o estilo de ensino divergente através da passagem da responsabilidade do aquecimento e do retorno à calma aos alunos (2 em cada aula). Desta forma, os alunos tiveram como base todos os momentos de aquecimento e retorno à calma ao longo do ano e implementaram esse conhecimento ao longo do 3º período (Anexo 15). Este ponto entrou também na avaliação da área dos conhecimentos. Outro dos estilos de ensino promovido pontualmente nas aulas, visto que nem sempre foi possível, foi o estilo inclusivo. Este estilo surge no sentido da diferenciação do ensino, fazendo com que os alunos tenham a noção do seu trabalho e para onde têm de trabalhar. Desta forma, através da entrega dos objetivos para cada modalidade, os alunos, nos seus grupos de nível, trabalhavam cada um para determinados objetivos.

As aulas polimáticas foram algo de sistemático ao longo de todo ano. Esta situação foi posta em prática de várias formas, tanto com trabalho em autonomia numa estação e a minha supervisão mais atenta noutra, bem como com trabalho específico para grupos diferentes e o meu acompanhamento em ambas as estações. Somente na 1ª etapa de aprendizagem, as aulas contiveram mais que duas estações. Este facto deveu-se essencialmente a duas circunstâncias, primeiramente o número de alunos presentes nas aulas e segundo os comportamentos desviantes ocorridos nos grupos a trabalhar em autonomia. As aulas monotemáticas apenas se verificaram em algumas sessões de 45', através do ensino de uma modalidade dos JDC com jogo dirigido, ou disciplinas do atletismo e da ginástica que exigissem muito material (salto em altura, ginástica de aparelhos).

Foi sempre uma das minhas prioridades manter elevados níveis de intensidade da aula, no sentido de proporcionar aos alunos boas experiências ao nível da EF. Esta minha preocupação proporcionou um maior envolvimento e entrega por parte da generalidade dos alunos, embora, outros acabassem por desistir completamente da disciplina.

A intensidade das aulas foi sempre elevada, talvez devido à minha experiência federada do futsal, modalidade com uma intensidade elevada e com poucos tempos de paragem. Esta intensidade deveu-se também à enorme predisposição da maioria dos alunos para a prática da EF. Uma das estratégias para que o nível de intensidade não baixasse foi o facto de haver poucas paragens que pudessem originar comportamentos desviantes, bem como criar exercícios desafiantes para os alunos. Estes exercícios eram baseados em pequenas competições entre os alunos mais fortes e para os alunos menos fortes eram estabelecidos objetivos operacionais mais adequados ao seu nível, bem como a construção de progressões (exemplo corrida de barreiras, em que os alunos menos fortes executavam exercícios com partes do movimento final da transposição). Contudo, por vezes, houve necessidade de reestruturar ao longo da execução do exercício.

Em termos da minha formação contínua tive necessidade de investir no estudo autónomo de bibliografia relativa às matérias (luta, dança e ginástica acrobática) onde não sentia tanta segurança em termos de lecionação. No mesmo sentido, procurei observar aulas de alguns dos professores do GEF. Este foi sem dúvida o processo mais eficaz, já que após cada aula, o NE tinha conversas informais com esses professores que nos explicavam a melhor forma de aplicar essas progressões. Posto isto, verificou-se uma melhoria na minha intervenção nessas matérias em diversos níveis, o que levou à progressão da minha prática pedagógica, visto que um professor de EF deve proporcionar aos seus alunos um percurso educativo organizado em torno da diferenciação e relação entre os diversos tipos de AF (Ministério da Educação, 2001).

Dimensão	Categorias	Aula de dia 04/02	Piéron et al. (1985)
		Tempo relativo	Tempo relativo
Direção	Alunos	71%	74,7%
	Grupo	6%	12,8%
	Classe	23%	12,5%
Forma	Auditivos	98%	78,9%
	Visuais	0%	0,1%
	Quinestésico	0%	0
	Mistos	2%	21%
Objetivo	Prescritivo	31%	49,7%
	Descritivo	39%	13,9%
	Avaliativo	25%	28,1%
	Interrogativo	5%	3,2%
Afetividade	Positivo	89%	-
	Negativo	11%	-

Quadro 1. Tempos da aula relacionados com a bibliografia

A gestão do tempo da aula, apesar de ser maioritariamente o mais adequado, de acordo com Piéron (1985), penso que foi havendo uma mudança de sensibilidade da minha parte. Quando verificava que uma situação de exercício estava a resultar junto dos alunos, procurei sempre motivá-los no sentido do desafio e do alcance do objetivo final, mesmo que daí resultasse mais tempo utilizado.

Quanto aos tempos da aula, o planeamento foi sempre um ponto muito importante, para que fossem atingidos os objetivos mais rápido e eficazmente. Todavia, este planeamento nem sempre foi cumprido à risca, visto que existem diversos fatores inerentes à aula que podem modificar a mesma, entre os quais a atitude dos alunos, a sua evolução, a explicação dos exercícios entre outras. Posto isto foi sempre necessário ter em consideração estes e outros fatores para que fossem alterados objetivos, estações ou até grupos, tal como aconteceu pontualmente.

Um dos pontos alvos de reflexão foi sem dúvida os atrasos, que nesta turma foram bastante frequentes. O facto de a saída dos alunos estar estipulada para ser 5' antes do toque nas aulas de 45', e 10' nas aulas de 90', é outro fator que retira tempo útil de aula. Tudo isto implicava que, para haver um bom tempo de prática, os alunos

tivessem de chegar a horas, essencialmente nas aulas de 45'. No entanto, a hora de entrada, nem sempre foi respeitada, uma vez que a maioria da turma chegava muitas vezes atrasada. Para evitar isto, implementei algumas estratégias, como a organização do aquecimento por parte dos alunos e uma constante marcação de faltas, contudo estas medidas não resultaram da forma desejada, uma vez que primeiramente, esta última foi cumprida mas posteriormente os atrasos continuaram pelo que o número de faltas aumentou significativamente. Outra das estratégias que poderia ser imposta era a implementação de jogos lúdicos do agrado dos alunos a serem feitos logo no início da aula, para que os mesmos fossem chamados pela prática e não pelo castigo. Esta ideia foi-nos apresentada pelo NE da escola Gaspar Correia, com a qual foi estabelecido uma observação interescolar. Foi também uma experiência enriquecedora para a minha prática pedagógica, uma vez que me permitiu abrir o leque de observações de colegas estagiários, bem como a observação de outros contextos escolares.

Quanto aos dados obtidos a partir da análise das aulas gravadas, permitiram-me confirmar o nível de intensidade referido anteriormente, uma vez que foram analisados os comportamentos dos alunos numa aula de 45', através do Programa de Observação da Sessão de EF e Desporto (Moreira e Ferreira, 2008).

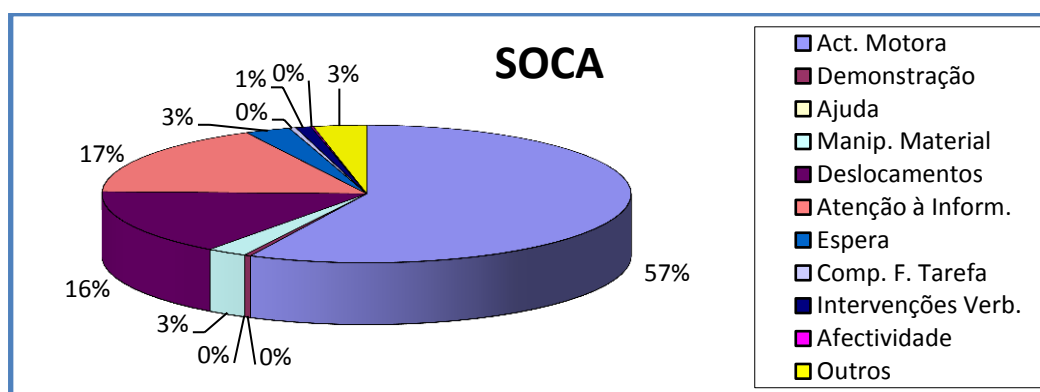


Gráfico 3. Análise das aulas - SOCA

Desta forma está explícito o tempo elevado de atividade motora registada por um aluno, ao invés do tempo de espera, que apenas foi registado em 3% da aula, uma vez que o facto do nível da prática motora, do tempo de espera e das transições entre exercícios estava bem definido, julguei ser pertinente que os meus colegas avaliassem a minha intervenção pedagógica ao nível do FB, quanto à sua pertinência, objetivo e fecho do ciclo de FB; ao nível da diferenciação do ensino; e ainda ao nível das instruções, quanto ao tempo e à qualidade. Os FB recebidos foram positivos, sendo que percebi

quais eram realmente as minhas maiores dificuldades e quais os aspetos que deveria melhorar.

Inicialmente não me era prioritária a preocupação com aspetos como FB ou até mesmo a aprendizagem dos alunos devido a alguns problemas de indisciplina verificados na turma, associado a uma atitude um pouco negativa da minha parte em relação a estes comportamentos. Pelo que houve necessidade da minha prática pedagógica ser reestruturada no 2º período para que proporcionasse aos alunos mais oportunidades de aprendizagem e menos conflitos nas aulas.

A partir de determinada altura tornou-se prioritária a atenção dada ao acompanhamento da atividade dos alunos na aula. Este ponto fundamental nas aulas de EF passou então, a ter mais importância na minha prática pedagógica, tendo em vista, o melhoramento das aprendizagens dos alunos através da diversificação dos mesmos. Devido à sua importância, a qualidade e quantidade dos meus FB foram objeto de observação e estudo por parte dos meus colegas do NE.

As informações recebidas nas reuniões posteriores às aulas, foram na sua maioria ao encontro do meu pensamento, ou seja, os meus FB são na sua maioria direcionados para o alunos, sendo que ainda existem alguns direcionados para a classe, e têm, na sua maioria, uma dimensão descritiva e/ou prescritiva. Este facto é também comprovado após a análise dos dados obtidos das aulas gravadas. Quanto aos FB negativos, a sua taxa sempre foi baixa, no sentido de utilizar os FB como algo motivante e desafiante, e não algo depreciativo para os alunos. Dentro dos FB o ponto mais fraco verificado ao longo do ano, foi sendo melhorado. Neste caso tratou-se do ciclo do FB, que nem sempre acabou por ser fechado. O número de FB é muito elevado, pelo que penso que estes deveriam ser mais diversificados, e deveria ter mais tempo de observação, tanto das execuções dos alunos como na forma como o exercício está construído, e ainda verificar se através daquele exercício os alunos conseguem desenvolver as suas capacidades.

A minha instrução inicial foi deixando de ter muita relevância na turma, essencialmente devido aos atrasos dos alunos. A mesma passou a ser baseada apenas nas matérias a ser lecionadas e na organização da própria aula. A instrução inicial contendo objetivos e os critérios de êxito para os exercícios a serem trabalhados na aula, passou a ser dada antes de se iniciarem os exercícios. Este facto provocou um aumento do tempo de instrução no meio da aula, quebrando por vezes alguma intensidade da

mesma. No entanto, consegui retirar a ilação de que esta instrução, com algum questionamento, leva a que os alunos quebrem um pouco a excitação e respirem para que possam voltar nas melhores condições.

Todos os aspetos referidos anteriormente foram fortemente influenciados e melhorados após a experiência do professor a tempo inteiro. A mesma traduziu-se na lecionação em diferentes níveis de ensino. O NE optou pela lecionação de aulas a turmas dos 5º ao 9º anos de escolaridade. Neste ponto penso que ficou por lecionar uma aula no ensino secundário, pois seria uma experiência muito enriquecedora no sentido da previsível autonomia existente neste ciclo de ensino (Anexo 16). Esta semana teve um número total de cerca de 22h, compostas por componente letiva e não letiva (Anexo 17).

Desta experiência foram vivenciadas circunstâncias muito diferentes, inclusive dentro do mesmo ciclo de ensino. Tal aspeto acabou por se verificar nas designadas turmas de nível existentes na nossa escola., Nas aulas lecionadas às turmas “A” o nível de aprendizagem é maior, não existindo praticamente nenhum comportamento de desvio e verificando-se níveis elevados de atenção, empenho e respeito pela ação do professor. Lecionei também na turma “F”, uma turma de percurso curricular alternativo, onde foram evidentes as grandes dificuldades de integração e participação dos alunos da turma.

Para a construção das miniunidades de ensino, conferenciei com os professores de cada turma, com intuito de perceber quais os objetivos que estariam a ser trabalhados, bem como os respetivos grupos de nível, tal como o que está previsto no Guia de Estágio Pedagógico (2012-2013). Obtive desta forma as informações necessárias para conhecer minimamente os alunos das turmas, proporcionando-lhes aulas com qualidade. Todavia, alguma das informações recebidas foram debatidas com os professores no sentido de perceber o porquê dessas opções e não de outras, como é o exemplo de uma situação em que o professor da turma condicionou as matérias e as estratégias de ensino para a lecionação das mesmas. Ao contrário dos restantes três professores, que tendo em consideração os espaços das aulas deixaram em abertos as matérias como as estratégias de ensino a utilizar. Houve também uma professora que lecionou em parceria comigo a aula. Este foi um ponto muito positivo, pois permitiu uma aula muito fluída em que os objetivos foram inicialmente traçados por mim, mas a professora iam dando os seus FB à turma. Ainda relativamente à professora que condicionou as estratégias de ensino, é relevante referir que as mesmas foram discutidas em conversas informais, nas quais expressei a minha opinião em relação às suas estratégias. Estas passaram por situações pela falta de concordância entre as formas de

aprendizagem e as situações de jogo. Neste sentido, penso que esta semana foi bastante enriquecedora, pois permitiu abrir o meu leque de experiências práticas da EF e perceber o quão importante é fragmentar os exercícios, de forma a criar progressões para os alunos que sentem mais dificuldades.

Nenhuma das turmas foi causadora de problemas, já que todos os alunos estiveram bastante empenhados, contudo ficou bem demonstrado que há alunos com imensas dificuldades nesta disciplina pelo que, necessitam de constante motivação para a sua prática. O facto de conhecer alguns dos alunos das turmas selecionadas, em muito contribuiu para o meu relacionamento com os alunos, tonando-o assim em algo de bastante positivo, uma vez que mantenho um contacto diário com os mesmos. Para isso muito contribuiu o núcleo de desporto escolar que aumentou a minha integração no meio escolar, pois existem muitos alunos neste núcleo.

Apesar de ser bastante difícil a implementação de rotinas organizativas neste tipo de projetos, penso que ficou bem claro o estilo da minha intervenção pedagógica, uma vez que mantive algumas das rotinas desenvolvidas na minha turma ao longo do ano letivo. Particularmente ao nível da organização da aula, quanto às estações existentes, bem como à diferenciação do ensino, que nem sempre havia nestas turmas por parte dos seus professores. Tal resultou numa necessidade de adaptação às rotinas da turma e não o contrário.

Com o objetivo de aumentar o conjunto de experiências em vários ciclos de ensino, está também descrito no Guia de Estágio (2012-2013) que se deverá lecionar também aulas no 1º Ciclo de escolaridade (Anexo 18). Para o efeito escolhemos a escola EB1 Alice Leite. A razão principal desta escolha teve como base as condições para a leção da EFM. Optei por lecionar às turmas dos 1º e 2º anos de escolaridade, pelo facto de serem realidades muito diferenciadas em relação aos 5º anos já escolhidos. Posteriormente reuni-me com o professor titular de turma do 1º ano de escolaridade, que apesar de ter uma licenciatura com variante em EF, leciona poucas vezes esta área obrigatória no currículo deste ciclo de ensino. A minha experiência neste ciclo de ensino foi uma grande ajuda, uma vez que foram introduzidas diversas formas jogadas, já anteriormente abordadas. A leção de algumas das matérias constituintes do programa de 1º Ciclo. Nesta experiência apenas foi possível a leção de uma aula, pelo que os objetivos para a mesma foram muito reduzidos, bem como a sua evolução.

No que concerne à condução do ensino, baseei-me em todas as práticas anteriores ao estágio enquanto monitor da escola EB1 de Telheiras, e adotei algumas estratégias de interação com os alunos logo nos primeiros minutos da aula, através de conversas animadas que motivassem os alunos para a prática. Neste sentido penso que foi bastante benéfico para mim enquanto professor de EF, porque mesmo com cerca de 5 anos a trabalhar com crianças destas idades, lecionar a EFM é completamente diferente. Trata-se de uma idade fulcral de vivência de certas experiências (motoras e não só) de modo a melhor formar as personalidades dos homens e mulheres do futuro.

Assim, esta aula decorreu de forma bastante positiva, com os alunos empenhados durante todo o tempo, e sem terem muitos problemas no que respeita ao entendimento dos exercícios. No que concerne às rotinas da aula, foi utilizada a mais simples, ou seja, nas transições entre os exercícios toda a turma se juntava perto de mim para ser dada a explicação dos exercícios. Apesar de ter considerado a mais simples, verificou-se uma grande diferença, nomeadamente ao nível da rapidez com que os alunos chegavam junto de mim, já que a mesma estratégia foi utilizada na minha turma, sendo que vinham sempre muito lentamente, o que por vezes atrasava todas as componentes da própria aula.

Posso considerar então que, no geral, toda esta experiência de lecionar em diferentes ciclos de ensino foi fundamental para a minha evolução enquanto professor de EF e fez com que percebesse que realmente os alunos precisam de mais formas jogadas, para que no fundo percebam mais os jogos. A EFM é algo que é descurada pelos Professores Titulares de Turma (PTT), tal como foi verificado por Bayo e Diniz, (2010) num estudo efetuado no concelho da Amadora no qual foram inquiridos os PTT e apenas 21% destes admitiu lecionar esta área do currículo (Bayo e Diniz, 2010). Apesar de a maioria dos PTT reconhecer que a EFM é uma parte importante do currículo, a mesma maioria refere que esta não é uma prioridade dado que precisam de se dedicar mais à matemática e à língua materna (Morgan e Hansen, 2007). Este é um ponto bastante negativo para o desenvolvimento das crianças, uma vez que a promoção de um bom nível de atividades físicas no ensino básico pode ser compreendido como uma base à formação de cidadãos saudáveis, tendo em conta que atividade física melhora a saúde mental e estimula o desenvolvimento do sistema imunitário durante a infância (Beurden, Barnett, Zask, Dietrich, Brooks e Beard., 2003).

Com a leção neste Ciclo de ensino, foi possível verificar apenas um pouco do nível dos alunos, uma vez que apenas lecionei uma aula. No entanto, foi possível

observar que os alunos têm um nível fraco nomeadamente na área das manipulações e constituições de grupos. É de destacar também as diferenças existentes entre os vários ciclos de ensino, uma vez que no 1º ciclo os alunos ainda estão um pouco perdidos no meio que é a escola, pelo que será neste ciclo que a EFM terá de ser implementada e com boas práticas, pois os alunos estão bastante predispostos e gostam muito de praticar AF. Para isso também é importante uma transmissão de informação mais cuidada aos alunos, para que, tal como foi sucedido, os alunos possam ser capazes de perceber tudo de uma forma clara.

No 2º ciclo, os alunos ainda se sentem no ano de transição para outro tipo de escola, onde as rotinas são diferentes e todo o seu currículo também. Pelo que é nesta fase que começam a ter acesso à EF como disciplina mais direcionada para as modalidades, sendo que é neste ciclo de ensino que muitos demonstram as suas dificuldades na disciplina, como me foi relatado pelos professores deste ciclo, ao referirem que existem muitas lacunas, como por exemplo nos domínios da organização (fazer grupos) e nas áreas do currículo (equilíbrios, deslocamentos, perícias e manipulações). Foi neste ciclo que necessitei de efetuar mais FB, essencialmente dirigidos ao aluno, tanto prescritivos como descritivos e ainda um nível considerável de avaliativos.

No 3º ciclo de ensino, penso que foi onde senti mais o desempenho dos alunos. Foi aqui que lecionei uma turma “F” (última turma do 7º ano), a minha turma (“D”, penúltima turma do 8º ano) e uma turma “A”. Esta última foi sem dúvida a melhor turma, já que era bastante diversificada e numerosa, em comparação com todas as outras. Esta turma tinha tanto alunos de excelência na EF, como o alunos que não sabiam executar movimentos básicos, pelo que se tornou bastante interessante verificar como diferenciá-los na construção de diversos exercícios.

Portanto, com todas esta diversidade de experiências conjugada à componente não letiva da direção de turma e do DE, fiquei com uma excelente representação do que é ser um professor de EF com horário completo.

Considero esta experiência como a melhor no intuito da melhoria da minha intervenção pedagógica, uma vez que através dela pude experimentar várias formas de ensinar, a alunos mais e menos atentos, mais e menos competentes e, mais e menos interessados. Assim, permite-me neste momento ter bases para serem adotadas ao longo da minha vida como professor de EF. Apesar do desgaste físico, penso que esta

semana representou um significativo avanço no meu percurso formativo, uma vez que verifiquei melhorias tanto ao nível do planeamento como da condução do ensino. Este facto deveu-se ao sentimento de que proporcionei aos alunos experiências nas quais consegui ver evoluções da parte deles.

No sentido de comprovar minha evolução no âmbito da área 1 de Estágio Pedagógico, foi evidente uma evolução das aprendizagens dos alunos nas diferentes matérias. Nomeadamente em algumas matérias prioritárias como o andebol, badminton, corrida de barreiras e na luta. Devido à inutilização do pavilhão durante todo o 2º período, optei por não incidir tanto nem no voleibol nem na ginástica de solo. A primeira devido à falta de condições ótimas para uma prática evolutiva das competências nos alunos nesta modalidade, uma vez que o voleibol é uma modalidade para ser praticada no pavilhão gimnodesportivo, então ao ser praticada nos espaços exteriores, os alunos ficam expostos às diversas condições climáticas, que prejudicam a prática desta modalidade. Pelo que optei por insistir mais na modalidade de andebol, nas aulas de exterior e patinagem no interior (a escolha da patinagem recaiu também pelo facto de ter sido adquirido material novo). Optei pela leção da luta, por ser uma matéria que nunca tinha sido abordada pelos alunos e que é bastante interessante e motivante para eles; no badminton foi aproveitado o novo material, para o aprofundamento da leção das leis de jogo da modalidade.

Matérias	Diagnóstico (Alunos – Nível)	Prognóstico (Alunos – Nível)	Avaliação Final (Alunos – Nível)
Andebol	2-NI, 5-PI, 6-I, 3-PE	4-PI, 4-I, 4-PE, 4-E	4-PI, 6-I e 6-PE
Voleibol	4-NR, 1-NI, 7-PI, 4-I	4-PI, 5-I, 7-PE	7-PI, 4-I, 5-PE
Badminton	5-NR, 1-PI, 3-I, 5-PE, 2-E	1-PI, 8-I, 2-PE, 5-E	2-PI, 6-I, 5-PE, 3-E
Luta	3-NR, 13-NI	4-PI, 6-I, 6-PE	2-NI, 7-PI, 7-I
Corrida de Barreiras	5-NR, 1-PI, 5-I, 4-PE	1-PI, 7-I, 4-PE, 4-E	4-PI, 4-I, 8-PE

Quadro 2. Nível nas matérias prioritárias

Deste modo verifica-se a efetiva evolução dos alunos em todas as 5 matérias prioritárias definidas no PAT.

No andebol, a evolução deve-se essencialmente à implementação do jogo formal dirigido no último período. Em comparação com o nível prognosticado para os alunos penso que houve concordância, uma vez que houve uma evolução positiva dos alunos.

A corrida de barreiras foi outra das modalidades ilustrativas do trabalho desenvolvido em todo o ano, uma vez que consegui que a maioria dos alunos conseguisse um movimento de transposição efetiva das barreiras e não de salto.

Ao nível do badminton, os objetivos passaram pela implementação das leis de jogo e não só na troca de batimentos entre os alunos. Assim, apesar de terem sido poucas aulas, penso que houve uma evolução bastante interessante nos alunos, já que a maioria dos mesmos demonstrou apetências para a prática da modalidade e entenderam-na melhor através de vários momentos de questionamento durante os jogos as diferentes. Quanto à luta, era uma lacuna no currículo destes alunos, pelo que procedi ao ensino de duas técnicas desta modalidade. Na AI verificou-se um desconhecimento completo da modalidade, pelo que, devido às condições referidas anteriormente, somente no 3º período é que consegui ensinar esta modalidade. Assim, após 3 aulas, é-me possível dizer que nestas técnicas abordadas, a maioria dos alunos teve uma boa aprendizagem, pois logo na 2ª aula já foram capazes de ser executar tarefas de agentes de ensino e demonstrarem aos colegas qual a melhor forma de executar as técnicas. Portanto, penso que a motivação dos alunos demonstrada na prática desta modalidade, deve ser levada em consideração por mim, para que na minha prática pedagógica futura proporcione mais vezes diversas técnicas desta modalidade.

Tendo em consideração os comportamentos dos alunos, penso que houve uma melhoria após a visita de estudo organizada pelo NE à praia de Carcavelos, para a atividade de bodyboard. Esta situação proporcionou sem dúvida, momentos diferentes e em contexto diferentes com os alunos, vendo expressões de alegria e motivação, que em contexto escolar são raras.

Para além das AFD, houve também uma preocupação quanto à área da AF, já que é também através desta que os alunos são capazes de potenciar as suas competências nas AFD. Para isso, desde o início do ano implementei uma rotina dos alunos, efetuar em todas as aulas momentos de potencialização das suas capacidades físicas. Como já foi referido os resultados da AF foram razoáveis, no entanto houve a lacuna da força superior (extensões). Assim, ao longo do ano foi meu objetivo colmatar esta lacuna através da implementação de diversos exercícios promotores desta capacidade física.

A área da flexibilidade é a que tem mais alunos dentro da zona saudável em todos os testes executados, pelo que foi a capacidade menos trabalhada ao longo do ano.

Testes	1º Período	2º Período	3º Período
Aptidão Aeróbia (Vaivém)	Dentro ZSAF- 8	Dentro ZSAF- 10	Dentro ZSAF- 13
	Fora ZSAF - 7	Fora ZSAF -3	Fora ZSAF – 2
Força Superior (Extensões)	Dentro ZSAF- 1	Dentro ZSAF- 3	Dentro ZSAF- 5
	Fora ZSAF -14	Fora ZSAF -12	Fora ZSAF -10

Quadro 3. Resultados dos testes do FitnessGram

Particularmente nos testes apresentados verifica-se uma evolução nos resultados, ainda que no teste de força superior a grande maioria da turma se encontra fora da ZSAF. Julgo que este facto que seja facto se deva à falta de bases por parte dos alunos, pois apesar da efetiva melhoria nos resultados, os resultados são negativos. Assim, penso que a implementação deste teste deverá ser alterada para o teste de flexões de braços em suspensão modificado. Este é um teste facilitador, e que poderia trazer melhores resultados para a avaliação desta força. Contudo, é um teste que não pôde ser aplicado na EBA, uma vez que exige algum material que a escola não possui.

Quanto ao teste do vaivém, os alunos foram melhorando ao longo de todo o ano, e os resultados do 2º período foram onde os alunos melhoraram mais, já que lhes forneci os dados obtidos no 1º período e o número de voltas que teriam de obter para estarem dentro da zona saudável. No 3º período foi dada a possibilidade de os alunos com negativa tentarem executar de novo o teste, e para os alunos que quisessem melhorar o seu recorde do ano, no entanto apenas 3 alunos o fizeram, sendo que dois melhoraram e o outro piorou. Dos que melhoraram, um executou um número de voltas suficiente para estar na zona saudável e o outro manteve-se na zona saudável.

No que concerne à área dos conhecimentos, inicialmente foi feito um teste diagnóstico, no qual se verificou desde logo um fraco conhecimento por parte dos alunos de algumas componentes da aula de EF, de estilos de vida saudáveis e dos benefícios da AF. Assim, tornou-se prioritário a transmissão de informações ao longo das aulas práticas através de questionamento e ensino, bem como a entrega de uma ficha de resumo aos alunos de forma a dirigir o estudo deles para a execução do teste no 1º período. Assim sendo, neste teste foram abordadas vários temas, entre os quais os benefícios da AF, as capacidades físicas e também algumas regras e conceitos das

modalidades abordadas nas aulas. Este foi um teste bastante acessível, mas revelou o desinteresse completo da turma pela escola, tal como foi sempre transmitido nos CT. Para além do desinteresse, é também visível a sua atitude perante tudo o que tenha a ver com a escola. Pelo que senti a necessidade de optar por outra estratégia com o intuito de não prejudicar a nota dos alunos no 2º período devido à nota obtida no teste teórico. Assim, transmiti mais matéria ao nível das capacidades físicas, bem como matérias abordadas até então. O teste foi realizado com consulta, pelo que tiveram 3 dias para o executar (Anexo 19).

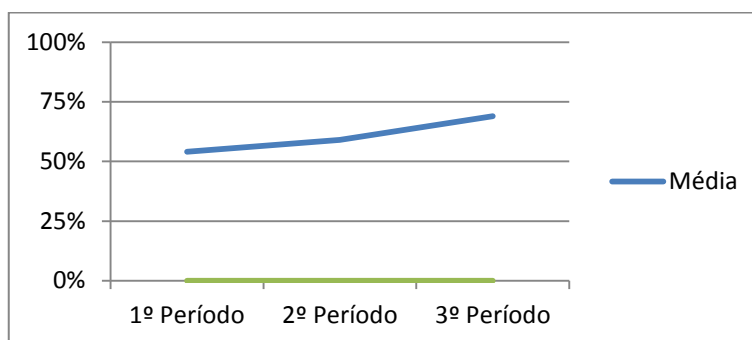


Gráfico 4. Evolução na área dos conhecimentos

Ainda assim é de ressaltar que as notas obtidas, apesar do aumento, rondaram os 57%, o que num teste que levou 3 dias a ser executado é uma média muito baixa. Este facto releva, mais uma vez, a rejeição dos alunos perante a escola, não tendo qualquer objetivo de se superar ou de tirar partido dos testes com consulta. Por último, no 3º período denotou-se uma elevada evolução, já que a média aumentou para os 69%. E aqui o teste foi uma junção de todos os testes realizados no 1º e no 2º período, com a adição ainda da matéria do *doping* lecionada no 2º período.

Ao longo do ano apenas lecionei 2 aulas teóricas que foram efetuadas devido às condições climáticas. Apesar da importância que estas aulas teóricas têm para o desenvolvimento das competências teóricas dos alunos, penso que os valores da EF são mais facilmente transmitidos com a prática da mesma, já que se pode transmitir os conhecimentos com a execução de alguns exercícios, e posteriormente através dos questionamentos, tanto no final como no início da aula. Esta foi a estratégia por mim utilizada, e julgo que deu bom resultado, pois através de alguma insistência em algumas matérias, como é o caso das capacidades físicas, a maioria dos alunos não mais esqueceram. A EF é uma disciplina com um cariz muito prático, pelo que penso que a minha opção foi correta. Desta forma foi-me permitido promover conhecimento mais amplo ao nível do vasto leque de matérias da disciplina.

Assim, creio que o meu trabalho nas três subáreas da área 1 do Estágio Pedagógico foi algo muito positivo e que trouxe muitos aspetos positivos à minha prática pedagógica, que terei de futuramente desenvolver ao longo da minha profissionalização nesta área. Os aspetos referentes a uma prática pedagógica positiva e produtiva nas aprendizagens dos alunos são, sem dúvida, os resultados das mesmas no final do ano letivo.

Direção de turma

Esta atividade, que surge enquadrada na área 4 do Estágio Pedagógico, desenvolveu-se ao longo do ano letivo, e visou fundamentalmente a minha integração no meio escolar a nível administrativo. Desta forma, foi uma experiência muito enriquecedora no sentido de me enquadrar ao nível da relação com a turma, na relação com os EE e na relação com os outros professores do CT.

Toda a envolvimento do cargo de Diretora de Turma (DT) está descrita no Decreto Regulamentar n.º 10/99, de 21 de Julho, nomeadamente a coordenação com os outros professores do CT, adequação das atividades, conteúdos e métodos de trabalho à situação concreta do grupo e especificamente ao aluno (Ministério da Educação, 1999).

Desde o início do ano letivo que estive integrado e com uma excelente relação com a DT do 8ºD, turma que leciono onde, em conjunto, fomos trabalhando a todos os níveis da direção de turma. Face ao trabalho desempenhado pela DT, considero que esta cumpriu com sucesso as suas funções, uma vez que procurou manter-se informada de todos os aspetos relativos ao seu cargo, ainda que, tenha mantido um trabalho autónomo sem muitas incertezas.

Para uma orientação de todo o trabalho a ser desenvolvido nesta área, elaborei um projeto de acompanhamento da DT (Anexo 20). Com este projeto tive a possibilidade de obter mais conhecimento no âmbito da direção de turma, o que me permitiu ser mais crítico quanto às possíveis estratégias de atuação a utilizar na mesma, de modo a otimizar as aprendizagens dos alunos.

Inicialmente, foi por nós elaborado um plano, no qual estabelecemos as tarefas a serem desempenhadas ao longo do ano, bem como, uma caracterização da turma. Esta caracterização foi suplementada com o estudo de turma (Anexo 21) que realizei no final do 1º período, com o objetivo de conhecer o agregado familiar dos alunos, histórico escolar e especialmente as relações socio afetivas (através de um estudo sociométrico)

no seio da turma. Estas informações foram transmitidas no CT realizado no mesmo período, no sentido de dar a conhecer aos professores as conclusões obtidas no estudo.

Para organização desta área, procedi a uma divisão respeitante às diferentes relações dentro da comunidade escolar, sendo elas, a relação escola-escola, escola-EE e escola-alunos.

A relação escola-escola relaciona-se com as atividades referentes à participação nas reuniões de DT, preparação e participação nas reuniões de CT e ainda tarefas administrativas relativas à turma (levantamento de faltas, lançamento de níveis de aproveitamento, organização do dossiê da turma, entre outras).

Ao longo do ano, tentei participar ao máximo em todas as horas destinadas à direção de turma, com o objetivo de aprender mais com esta função do professor. Para isto, penso que a interação com a DT foi bastante importante, visto que houve sempre um clima muito positivo de entreaajuda. Quanto às reuniões de CT, a minha intervenção foi pontual, sendo que aproveitei uma destas reuniões para apresentar o estudo sociométrico acima referido. Nestas reuniões houve sempre um ambiente de cooperação, na tentativa de criar alternativas para o sucesso dos alunos, uma vez que os mesmos não foram demonstrando boas evoluções. Desta forma, estes CT serviram para a aquisição de competências para que no futuro as possa implementar. Foi igualmente elaborado o Plano de Trabalho da Turma, algo que foi bastante positivo para a minha integração no próprio CT, já que intercedi algumas vezes aquando a tomada de decisões.

Na relação escola-aluno, não se registaram problemas de maior gravidade, visto que os problemas apresentados pela turma são, somente, ao nível dos resultados escolares negativos. No entanto, a turma possui dois alunos que foram o foco de alguns problemas na escola, tendo sido estes, resolvidos através de uma conversa com a DT e/ou com a direção da escola. Não obstante, ocorreram com os mesmos alunos dois problemas disciplinares de maior relevância, que resultaram em suspensão, pelo que foram tratados somente pela direção, e não houve necessidade de instaurar processos disciplinares. Face a esta situação, considero que a DT deveria ter tido uma intervenção ativa neste processo, pois no fundo é esta que trabalha com a turma durante todo o ano letivo, e não deve ficar à mercê destes problemas. Assim para um trabalho mais coerente deveria haver um trabalho conjunto entre a DT e a direção, uma vez que a primeira desempenha um papel muito importante, pois é esta que estabelece a relação entre os alunos e os EE.

Esta relação ficou fortemente afetada com a extinção da disciplina de formação cívica, uma vez que esta era uma disciplina onde eram tratados alguns problemas relacionados com a turma e o seu desempenho e, desta forma, para estas orientações os DT veem-se forçados a retirar tempo às suas aulas. E, para além disto, esta disciplina era um *“espaço privilegiado para o desenvolvimento da educação para a cidadania, visando o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos como elemento fundamental no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, ativos e intervenientes, com recurso, nomeadamente, ao intercâmbio de experiências vividas pelos alunos e à sua participação, individual e coletiva, na vida da turma, da escola e da comunidade”* (Decreto-Lei nº 6/2001 de 18 de janeiro). Este facto veio afetar também a possível relação entre os estagiários e os alunos, uma vez que seria uma oportunidade de experienciar outros contextos com estes, visando a melhoria das relações. Com vista a superar esta lacuna, ao nível da relação professor-aluno, e não só, foi realizada uma visita de estudo à praia de Carcavelos no intuito da realização de uma atividade de Bodyboard (Anexo 22). Esta atividade vem com o objetivo de proporcionar aos alunos uma experiência não muito habitual no meio em que estão inseridos. Para o sucesso da atividade é de referir todo o empenho demonstrado por alunos com vista a reduzir os custos para os mesmos. Esta visita de estudo decorreu muito bem e possibilitou uma melhoria ao nível das relações com os alunos participantes, no sentido da proximidade e do respeito mútuo. Aliado ao êxito que foram as prestações dos alunos nas atividades desenvolvidas, esta boa relação, fez com que a visita de estudo fosse bem-sucedida. Este sucesso foi realçado com a publicação de um vídeo realizado pelo NE, no *site* da escola.

A relação escola-EE é caracterizada pelas reuniões de EE realizadas após cada período de aprendizagem, pelos horários de atendimento aos EE e pelos telefonemas estabelecidos com estes no sentido de transmitir informações acerca dos seus educandos. Relativamente às reuniões de EE realizadas após cada período de aprendizagem, a comparência dos mesmos não foi muito positiva, revelando uma desresponsabilização que vem a ser refletida diariamente também pelos alunos. No entanto todos os EE presentes demonstraram interesse pelas evoluções das aprendizagens dos seus educandos. Nestas reuniões aproveitei várias oportunidades para dar a minha opinião acerca do comportamento e/ou competências ao nível da EF dos alunos. No que concerne ao horário de atendimento, apenas cinco EE compareceram de livre vontade a este atendimento, revelando assim mais uma vez o desinteresse dos EE pelo acompanhamento escolar dos alunos. Esta situação foi

marcante para a minha aprendizagem, pois é muito negativo verificar que os EE não demonstram interesse pelos seus educandos, nem pelas aprendizagens dos mesmos. Julgo que ainda há algo a fazer neste nível, pois, a preocupação mais regular dos EE é o ponto de partida para que os alunos comecem a valorizar mais o papel da escola.

Assim, penso que com os conhecimentos adquiridos nesta área, desenvolvi uma panóplia de capacidades a nível pessoal, como por exemplo o bom relacionamento com todos os partícipes do meio escolares, resoluções de problemas em diversos níveis. Quanto à relação com a DT foi sempre muito boa, culminou numa interajuda quando a mesma esteve ausente diversas semanas devido a doença. Neste tempo fiquei responsável por diversos assuntos administrativos em plena autonomia. Este foi também um aspeto a ter em conta, pois pude experienciar de forma mais real o que são algumas das funções do DT.

2.2. Trabalho na escola

Neste capítulo irão ser abordadas todas as atividades desenvolvidas ao longo do ano, tendo em consideração a sua pertinência, enquadramento e ainda os objetivos atingidos com e através das mesmas.

Este capítulo será iniciado com a caracterização e as atividades desenvolvidas com o Núcleo de Desporto Escolar (NDE), por mim selecionado para orientar em conjunto com a professora responsável pelo mesmo. Para além das atividades desenvolvidas com o NDE, serão apresentadas todas as atividades desportivas realizadas referentes à relação escola-meio. Todavia esta relação será também desenvolvida em todos os seus pontos, após a apresentação da investigação pedagógica realizada para a Área 2 do Estágio Pedagógico.

Julgo que, ao longo de todo o ano letivo, a minha intervenção em todas as atividades abaixo apresentadas, foram ao encontro com o estabelecido nos projetos elaborados para cada atividade. As atividades apresentadas visam a promoção de valores muito para além dos desportivos, já que despertam um desenvolvimento de cidadãos ativos na sociedade e conscientes das diferenças de cada um.

Desta forma, penso que todas as atividades realizadas neste âmbito escolar foram bastante enriquecedoras, já que foram permitindo uma inclusão gradual no meio, adquirindo conhecimento relativo à construção e intervenção em diversas atividades desportivas, bem como a organização de visitas de estudo.

Atividades de desporto escolar

Tendo por base o Guia de Estágio Pedagógico 2012-2013, o Desporto Escolar, surge com o objetivo da participação do estagiário no planeamento e na condução dos treinos do seu núcleo. Após uma escolha que se baseou no interesse de cada estagiário, ficou-me atribuído o núcleo de Futsal no escalão de Juvenis e Iniciados, sendo que as competições Interescolas eram realizadas no escalão de Juvenis.

O DE surge como o *“conjunto de práticas lúdico-desportivas e de formação com objeto desportivo, desenvolvidas como complemento curricular e ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de atividade da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo”* (Artigo 5.º – “Definição”, Secção II – “Desporto Escolar”, do Decreto-Lei n.º 95/91, de 26 de Fevereiro).

Os objetivos delineados para todo o ano, passaram não só pelo sucesso desportivo dos praticantes, mas também pela transmissão de conhecimentos no âmbito da *“promoção de estilos de vida saudáveis mas também pelos resultados escolares para os quais constitui uma ferramenta insubstituível”* (Luís Capucha, in Ministério da Educação, 2006). Outro dos meus objetivos foi transmitir alguns valores aos alunos, nomeadamente quanto à prática da AF. No entanto, nem sempre estes se mostraram recetivos a estes conhecimentos. Contudo penso que consegui transmitir informações pertinentes e que uma boa parte dos alunos as adquiriu.

Um dos fatores a ter em consideração na implementação desta atividade extracurricular, é sem dúvida o facto de esta constituir a única possibilidade para alguns alunos terem acesso a uma prática regular de AF, tal como é definido pelo Ministério da Educação (2009-2013).

Como objetivos estratégicos, com o DE pretende-se: garantir igualdade de oportunidades, aumentar as oportunidades de prática desportiva de qualidade e ainda criar instrumentos facilitadores de inclusão. Para aumentar os níveis de aprendizagem dos alunos, tentei sempre implementar um nível elevado de intensidade nos treinos, pelo que foi sendo sempre bem recebido pelos alunos, uma vez que os mesmos tinham muito boas competências e muita motivação para a prática.

O Núcleo de Desporto Escolar (NDE) de futsal foi um núcleo com vertente externa ou seja a atividade *“desportiva desenvolvida no âmbito das diversas vertentes do Clubes de Desporto Escolar, através da participação em Encontros Interescolas, de*

caráter competitivo (...) e que proporcione atividades de formação desportiva, tendo em vista a aquisição de competências físicas, técnicas e táticas” (Ministério da Educação, 2009-2013). Apesar da inscrição no escalão de Juvenis, a maioria dos praticantes eram de escalão de Iniciados. Para que houvesse mais alunos a aderirem ao NED, todo o NE procedeu à construção de *posters* alusivos a cada modalidade relativa a cada estagiário. Esta foi uma iniciativa que resultou bem, já que após a colocação dos *posters*, houve uma grande receptividade por parte dos alunos, sendo eu e os meus colegas, frequentemente questionados, sobre o desenvolvimento dos treinos e competições.

O tempo destinado para a prática era de apenas 90´semanais constituindo este um fator negativo que levava a que alguns alunos não comparecerem. Este tempo vai ao encontro com a legislação (Artigo 8.º – “Organização local do desporto escolar”, Secção II – “Estruturas locais”, do Decreto-Lei n.º 95/91, de 26 de Fevereiro), já que para o DE é destinado apenas um treino por semana. Contudo, neste mesmo documento o aluno/praticante de DE é definido por ter num número mínimo de dois treinos semanais e, com continuidade, em quadros competitivos formais (Ministério da Educação, 2006), fazendo deste caso um contrassenso, pois a forma como o DE é implementado na EBA não vai ao encontro com a definição do aluno/praticante presente no Artigo 8.º – “Organização local do desporto escolar”, Secção II – “Estruturas locais”, do Decreto-Lei n.º 95/91, de 26 de Fevereiro.

No que concerne aos primeiros treinos, à semelhança do que aconteceu com a lecionação na minha turma, foram desde logo implementadas rotinas organizativas, bem como uma AI dos alunos. Para isso foi implementado muito tempo de jogo formal para se observar da melhor forma as competências dos praticantes. Nesta fase a assiduidade dos alunos foi muito boa, uma vez que o número dos mesmos foi crescendo, até ao início do 2º período, após o primeiro encontro interescolas. Penso que este se deveu aos resultados negativos verificados que desmotivaram alguns alunos. O que se registou ao longo do resto do ano, visto que a presença dos alunos era mais notória nos dois treinos anteriores a um encontro, retomando a faltar posteriormente.

Quanto ao quadro competitivo, penso que deveria ser reestruturado, uma vez que não proporciona os objetivos anteriormente definidos para o DE. As competições têm só início já no 2º período, estando o 1º período só destinado aos treinos. Este é um facto bastante redutor no que condiciona a assiduidade dos alunos, especialmente nas particularidades dos mesmos da EBA. O facto de haver encontros interescolas onde existem equipas que apenas façam um jogo e as outras que façam dois jogos, parece-me

que também deveria ser revisto, já que o gosto pela prática ganha-se através da prática. Neste tipo de encontros com apenas um jogo os alunos não demonstraram muita motivação, pois o objetivo deles é jogar. Ainda outro fator a ser revisto é as arbitragens dos alunos, já que poderiam ser efetuadas pelos alunos com a ajuda de um professor. Este deveria manter sempre a sua integridade e profissionalismo, respeitando o contexto em que estão inseridos. Contudo, penso que a os alunos deveriam ainda receber formações de forma a melhorar o seu conhecimento do jogo, para que o mesmo fosse jogado de forma justa. Estou em crer que neste aspeto o DE poderia evoluir mais, uma vez que nos encontros do meu NDE, fui verificando alunos árbitros, com receio de arbitrar, pressionados e com decisões demonstradoras de desconhecimento da modalidade. Portanto o DE deveria fazer uma reestruturação, nos vários níveis acima descritos, para que a competição seja aumentada e a reestruturação ao nível do desporto saia beneficiada.

O quadro competitivo é muito limitado. Ao longo deste ano letivo realizámos 4 encontros interescolas onde fizemos apenas 6 jogos. Na minha opinião seria decisivo aumentar o número de jogos/encontros no sentido de motivar os alunos e melhorar os seus níveis de prática. Desta forma, participámos no torneio da Federação Portuguesa de Futebol, designada de Moche Cup. Esta competição foi em quase tudo semelhante ao jogo de futsal, já que era jogado num campo com dimensões mais reduzidas que um campo de futsal e o qual era rodeado por um insuflável que não permitia que a bola saísse do terreno de jogo, aumento assim a intensidade do jogo. Decorreu de uma forma muito positiva, pois o comportamento dos alunos foi muito bom, e mais uma vez demonstraram em pleno o que foi desenvolvido nos treinos, nomeadamente na defesa em losango, que no 1º encontro foi visto como o grande problema do grupo/equipa, pelo que procedi a exercitação para o melhoramento desta componente. Este foi sem dúvida o ponto mais relevante para mim enquanto estagiário pois foi a certificação da minha intervenção pedagógica no NDE.

O ponto mais positivo desta área foi, sem dúvida, as finais jogadas pelo escalão de Infantis A no Estádio do Jamor. Este evento envolveu, para além dos alunos e professores, alguns EE que marcaram presença no evento. Este evento realizou-se nos dias 15 e 16 de Junho e estiveram representadas escolas de todo o país. Foi sem dúvida uma competição marcante para os alunos mas também para mim, uma vez que apesar de todas as componentes pedagógicas a serem desenvolvidas neste tipo de eventos, foi também implementada um clima competitivo, empenho e desenvolvimento das

competências dos alunos envolvidos. A equipa foi sempre dirigida pela colega do NE, no entanto devido à minha experiência na modalidade, dei a minha ajuda em diversas componentes, para que a equipa desse o seu melhor divertindo-se e aproveitando o evento. Neste sentido julgo que as ilações a tirar são bastante positivas, pois em todo o evento os alunos demonstraram o seu valor e empenho da participação num torneio deste tipo. A participação na final do torneio foi bastante importante, pois os alunos envolvidos sempre jogaram juntos e foi o culminar de um ano em que só tiveram vitórias em todos os torneios que participaram. O meu balanço pessoal é extremamente positivo, pois o grupo de alunos demonstra competências muito acima da média, como ficou comprovado em todos os jogos por eles realizados.

Outro dos torneios em que a nossa escola esteve envolvida foi o torneio de futsal dos Jogos Juvenis Escolares da Amadora (JJEa). Para este foram inscritas cinco equipas, das quais duas saíram vencedoras, uma ficou em 3º lugar e as outras duas não passaram da fase de grupos. Este torneio decorreu após o primeiro encontro da Moche Cup, no qual as expectativas estavam bastante elevadas. Foi muito interessante a interação que se estabeleceu com todos os alunos, uma vez que, como referi anteriormente, estes adoram e anseiam por momentos de competição. Portanto, este foi sem dúvida um ponto alto da minha prática pedagógica pois a minha equipa de Iniciados e a equipa de Infantis B, na qual desenvolvi algum trabalho com a minha colega de estágio, foram as vencedoras. De referir que este foi o ano com melhores classificações de sempre na EBA neste evento envolvente de todas as escolas do Concelho da Amadora. Para o torneio de futsal interturmas, a organização passou também para o NE.

Este torneio visou a competitividade entre as turmas de cada ano de ensino. Este ano foi implementado um modelo em que cada ano de escolaridade tinha um dia de competitividade. Os quadros de jogos foram construídos de forma a proporcionarem o maior número de jogos possível e também para que fosse preenchido apenas a mancha horária do *roulement*. Assim sendo esta foi uma experiência inicial do que viriam a ser os projetos dos torneios posteriores. O ponto menos positivo foi o adiamento do dia do 7º ano de escolaridade para a semana de EF. Pelo que, mais uma vez esta competição não se realizou como o planeado já que as turmas deste ano de escolaridade tiveram uma visita de estudo, que impossibilitou a presença da maioria dos alunos. Assim, houve a necessidade de reformular os quadros competitivos. Todavia, penso que foi importante avançar mesmo que com poucas turmas envolvidas, uma vez que este era uma competição à muito aguardada pelos alunos. penso que nos próximos anos, os quadros

competitivos se poderão manter, visto que o facto de haver um dia específico só para a realização das finais, demonstrou ser bastante positivo, e que leva uma motivação acrescida aos próprios alunos.

Para estes três eventos de futsal, foram também elaborados dois *posters* no sentido de enaltecer os feitos alcançados pelos alunos e promover junto na comunidade escolar a importância que estes eventos desportivos trazem para a motivação dos alunos (Anexos 23 e 24). E, neste sentido, o FB recebido por nós acerca dos *posters* foi muito positivo, pois os alunos ficaram muito contentes com a exposição dos seus resultados. Houve também um FB excelente recebido da direção, já que posteriormente todos os *posters* foram expostos em eventos de grande importância para a escola como o “*Amadora Educa*”.

Ainda no âmbito da participação nos JJEa, foi realizada a semana da EF. Esta semana teve por base a competição dos alunos nas disciplinas de atletismo, contudo, foram introduzidos neste ano os concursos de dança e de patinagem (Anexo 25). O NE ficou responsável por toda a organização envolvente a estes torneios, tal como já foi referido anteriormente. Particularmente o atletismo decorreu sem problemas e sempre com um nível de superação e competitividade elevado entre os alunos. Neste torneio os alunos classificados nos três primeiros lugares foram recompensados com a presença do seu nome em mais um *poster* elaborado pelo NE (Anexo 26). Este continha também as marcas dos primeiros classificados de cada disciplina, de forma a criar desde já uma competitividade extra para o próximo ano letivo, no sentido de superar as marcas obtidas neste ano. Para além do atletismo, é de destacar a primeira edição do concurso de dança. Este concurso foi bastante positivo, embora com fraca adesão dos alunos, talvez justificada por ser a primeira vez. Quanto à patinagem, foi algo que criou desafio e competição entre os alunos do núcleo de DE e outros. Este ponto foi o mais positivo, pois ficou visível que nesta modalidade há alunos com muitas competências.

Deste torneio na escola foram seleccionados os primeiros classificados de cada género em cada modalidade para a competição interescolas nos JJEa. Assim sendo, mais uma vez se verificou o melhor conjunto de classificações da EBA nestes jogos do concelho da Amadora, com diversas medalhas de “ouro”, “prata” e “bronze” recebidas por parte dos alunos. Esta participação dos alunos foi extremamente positiva pois houve um excelente empenho por parte dos mesmos em todas as provas. A minha disposição pelas disciplinas foi feita com o propósito de dar FB aos alunos para que estes melhorassem em alguns aspetos, o que se veio a verificar nalguns casos.

A nível pessoal todos estes torneios e competições foram bastante enriquecedores, já que me sinto uma pessoa que gosta muito do que faz, essencialmente ao nível desportivo. As competições entre os jovens são bastante interessantes no sentido de promover a AF nos mesmos e os FB recebidos por alguns deles foram muito bons, e no sentido da motivação para o possível ingresso em clubes de diversas modalidades, entre o futsal ou atletismo.

Quanto aos treinos do NDE, foram sempre planeados treino a treino (Anexo 27), sendo que os objetivos passaram pela dinamização de várias componentes técnicas e táticas do futsal. Sendo eu praticante desta modalidade, ajudou-me bastante a todos os níveis, nomeadamente no planeamento onde pude fazer um *transfer* na minha prática, para os treinos do DE. Desta forma, os meus objetivos referidos no projeto de DE (Anexo 28) passaram pelo desenvolvimento das capacidades técnicas do drible, remate, passe e receção. Quanto às componentes táticas passaram por, ofensivamente, jogadas de superioridade numérica como 1x0+ GR, 2x1+GR e 3x2+GR e ainda jogadas envolvendo deslocamentos em “paralela” e “diagonal”; defensivamente foi trabalhado uma defesa em losango, no sentido de colmatar algumas lacunas verificas ao nível defensivo, já que nos primeiros encontros da vertente externa foram sofridos muitos golos. A aprendizagem destas componentes do jogo penso que foram bem-sucedidas, uma vez que nos últimos treinos, através do jogo formal (nos treinos e nos encontros externos), foi possível verificar o melhoramento da maioria destas componentes.

A assiduidade dos alunos aos treinos nem sempre foi a melhor, já que apenas um praticante esteve presente em todos os treinos, e apenas cerca de 6 alunos frequentaram mais de 80% dos treinos. Este é o facto mais negativo deste ano letivo no âmbito do DE, já que por vezes nos treinos estavam presentes 4 praticantes, o que é bastante negativo, pelo que havia necessidade de juntar os dois núcleos de futsal (Juvenis/Iniciados com Infantis A e B).

Para a minha condução do ensino não foi necessária muita pesquisa bibliográfica, pois fiz um *transfer* da minha prática para os treinos. Desta forma, desde o primeiro treino que tenho total autonomia tanto no planeamento como na condução de ensino. A primeira foi sempre sempre comunicada e aprovada pela professora responsável, quanto à condução foi sempre bem recebida pelos alunos e bem vista pela professora responsável. Os alunos desde cedo perceberam a minha experiência nesta área e desta forma acatavam as informações e foram pondo em prática as mesmas, melhorando as suas competências. Em situação de competição era também eu, com

algumas intervenções da professora responsável que dávamos as indicações aos praticantes.

Por último, deu-se o torneio do corta mato escolar que, ao contrário do que acontece na maioria das escolas, é realizado numa pista oficial de corta-mato inserido no Regimento de Comandos da Amadora. Este constitui também um importante fator de integração da escola na comunidade local. Posteriormente seria realizado, na mesma pista o corta mato concelhio que, devido às condições climáticas, os alunos apurados da fase da escola, passaram diretamente para o corta-mato da Direção Geral da Região de Sintra, Amadora e Cascais. Aqui os resultados foram positivos, ainda que nenhum dos alunos se tenha qualificado para o corta-mato a nível nacional, penso que foi uma boa experiência para mim, para perceber o outro lado da organização de um evento deste género, uma vez que já tinha participado enquanto aluno.

Um fator bastante negativo referente às atividades extra curriculares é o facto de todos os núcleos destas atividades funcionarem ao mesmo tempo, O que torna impossível a prática de mais do que uma atividade, o que se traduz numa escolha bastante limitativa para os alunos para os alunos uma escolha, fugindo aos próprios objetivos destas atividades.

Toda esta experiência foi bastante enriquecedora para mim a vários níveis, nomeadamente a minha perceção para com o treino, uma vez que percebi que esta é uma área onde poderei desempenhar um bom papel. Serviu também para experienciar a vertente administrativa do DE.

Investigação e Inovação Pedagógica

Esta área do Estágio Pedagógico tem como objetivo investigar e desenvolver uma análise de um determinado problema identificado no agrupamento de escolas de Alfofnelos, procurando contribuir para a resolução do mesmo, para que sejam encontradas algumas soluções para o mesmo. Desde o início que foi nosso objetivo diferenciar a nossa investigação das dos anos transatos, para que pudéssemos marcar pela diferença.

Desta forma, após uma investigação junto do GEF e direção da escola, foi-nos sugerido que estudássemos um problema encontrado pela direção e corroborado pelos membros do GEF que lecionavam a turmas do 2º Ciclo. Assim, o problema identificado foi a existência da leçãoção ou não da EFM no 1º Ciclo. Desta forma, iniciámos a nossa

investigação com a definição da problemática, que diz respeito à iniciativa dos PTT na procura ou de superação das suas dificuldades na leção da EFM (Anexo 29).

A amostra contou com 21 PTT distribuídos pelas quatro escolas constituintes do agrupamento de Alfarelos. A recolha dos dados foi efetuada através do contacto direto e presencial com as coordenadoras dos estabelecimentos. Quanto ao seu tratamento foi efetuado através da ferramenta de análise estatística *IBM SPSS Statistics 20*. Procedemos à comparação das respostas dos professores que lecionam a EFM com aqueles que não lecionam no intuito de perceber o que distingue estes dois grupos. Realizámos a estatística descritiva, uma vez que a nossa amostra é constituída por toda a população envolvida.

Os resultados encontrados vão contra o estudo realizado no concelho da Amadora onde foi verificado que dos PTT inquiridos, apenas 21% destes admitiu lecionar esta área do currículo (Bayo & Diniz, 2010). No nosso estudo verificámos que 17 dos PTT inquiridos lecionam EFM às suas turmas.

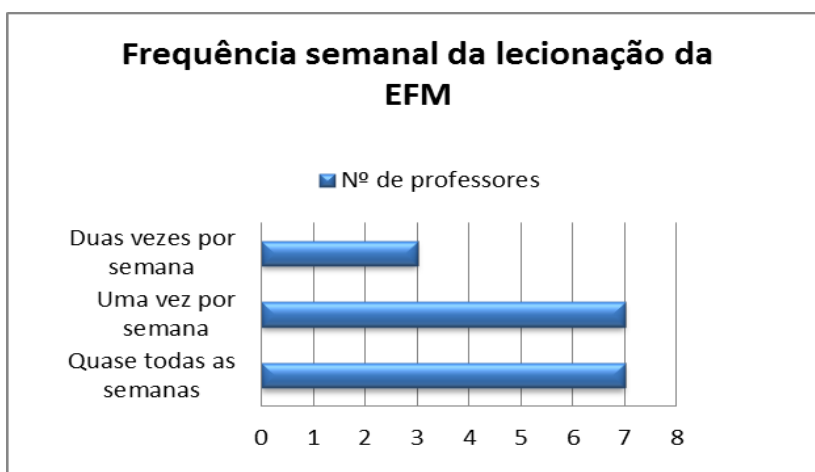


Gráfico 5. Frequência semanal da leção da EFM

Esta situação é de ressaltar uma vez que a EFM deve ser entendida como parte integrante do currículo de todos os alunos do 1º ciclo, com o objetivo do desenvolvimento tanto a nível físico dos alunos, bem como a introdução de estilos de vida saudável (Bayo & Diniz, 2004). No gráfico 5 estão as respostas dadas pelos PTT no intuito de perceber que quantidade de EFM lecionam.

Assim, dos 17 PTT inquiridos, 7 afirmam lecionar uma vez por semana e outros 7 quase todas as semanas. Este é assim um aspeto muito positivo pois é demonstrado

que os PTT têm uma noção da importância desta área do currículo e implementam-na mesmo apesar de todos os fatores apresentados para uma possível não lecionação.

Após a leitura de bibliografia relacionada com esta área, percebemos que a EFM no 1ºCiclo é algo que ainda não é muito implementado, pelo que procedemos à elaboração de 4 hipóteses. Sendo elas: 1) A maioria dos professores não proporciona a prática de EFM aos seus alunos; 2) Os professores que frequentam a formação contínua em EFM proporcionam mais frequentemente atividade física aos seus alunos; 3) Os professores com formação mais recente e mais novos implementam a EFM com mais frequência; 4) O estilo de vida do professor influencia a lecionação da EFM.

Contudo, o resultado não foi o esperado, pois a percentagem de professores a lecionar esta área do currículo parece ser bastante elevada. Verificámos então que todas as 4 hipóteses foram rejeitadas.

O NE sugere que em futuros estudos se considere a verificação dos resultados através do cruzamento de dados entre os vários intervenientes no processo ensino-aprendizagem, que não só os professores, mas também os alunos e, mais indiretamente os encarregados de educação. No entanto, devido a toda a burocracia exigida para o questionamento aos alunos, não nos foi possível realizar uma triangulação de resultados com os PTT, os alunos e os EE. Esta triangulação tinha como objetivo perceber se os PTT efetivamente lecionam esta área, a forma como o fazem e quantas vezes o fazem. Ainda assim pensamos que terá sido bastante pertinente alertar os professores e a comunidade escolar em geral para este problema, que segundo os inquiridos não ocorre no agrupamento de Alfofnelos.

A apresentação deste estudo teve lugar na sala 16 da escola de Alfofnelos, tendo sido convidados todos os membros do GEF, os PTT envolvidos no estudo e ainda para apresentar um estudo numa escala maior, uma professora especialista, figura de referência em investigações nesta área. Com a sua presença pretendíamos enriquecer a nossa apresentação com resultados mais fidedignos acerca da temática em causa.

A divulgação da apresentação iniciou-se na internet para direção, professores da escola e colegas estagiários (através das redes sociais e do e-mail) e para os PTT e membros do GEF através da entrega de um *flyer* (com todo o programa) (Anexo 30). Apesar de toda esta divulgação e da nossa ida a todas as escolas entregar os convites, foi visível a ausência dos PTT, apesar de serem eles os seus principais protagonistas e eventualmente interessados nas suas conclusões. Contudo, todos os membros presentes

demonstraram o seu apresso pelo estudo e reconhecimento sobre a importância do mesmo para as crianças destes ciclos de ensino. Desta forma, penso que a apresentação foi bastante positiva já que conseguimos atingir os nossos objetivos, ao falarmos todos de igual forma e com a exposição dos resultados a ser feita de uma forma clara e perceptível a todos os convidados. Prova disso foi o debate que decorreu logo de seguida, no qual se instalou um bom clima de troca de ideias entre todos os convidados, onde estes apresentaram os mais diversos argumentos acerca da temática e as suas componentes. Julgo que a nossa moderação do debate esteve muito bem organizada, pois todos os convidados tiveram oportunidade de se expressar de igual forma.

Posteriormente à nossa apresentação, a professora especialista, falou da sua experiência na área e enriqueceu bastante a nossa apresentação, uma vez que abordou os mesmos temas que o NE, no entanto num conceito mais alargado em termos de amostra uma vez que o seu estudo apresentado foi realizado em todo o concelho da Amadora e o nosso abrangeu apenas o agrupamento de escolas de Alfores.

Esta pesquisa revelou ser bastante pertinente já que, apesar de os resultados do nosso estudo demonstrarem o contrário, a EFM tem vindo a ser descurada do currículo do 1º ciclo uma vez que os PTT, embora reconhecendo que a EFM é uma parte importante do currículo, referem que esta não é uma prioridade dado que precisam de se dedicar mais à matemática e à língua materna (Morgan e Hansen 2007). Posto isto, a mensagem a transmitir aos PTT que não lecionam a EFM é a de que esta é uma área que não pode ser nem esquecida nem substituída por nenhuma outra, e a sua lecionação tem de ter as bases no currículo de 1º Ciclo, uma vez que nestas idades as crianças necessitam de boas experiências ao nível da AF.

A nível pessoal este estudo permitiu-me perceber a real importância da lecionação da EFM. Para isso também contribuiu a minha experiência de lecionação a este ciclo de ensino. Esta experiência deu-me certezas do quanto as crianças necessitam da EFM, uma vez que esta área quando lecionada seguindo os programas já definidos, pode trazer às crianças muitos benefícios, e criar nas mesmas um espírito de motivação para a prática desportiva. Durante a sessão realizada aos alunos do 1º ano de escolaridade, foi possível perceber que estes tinham algumas dificuldades em diversos níveis, pelo que essas dificuldades necessitavam de trabalhadas nas horas de EFM. Não se percebe. Querias dizer: “Tendo o resultado deste estudo deixado uma mensagem positiva quanto à implementação da EFM, fica ainda por estudar a forma e a quantidade que é lecionada.

Para essa leção, existe um leque variado de possíveis promotores, pelo que na minha opinião, a opção mais válida é a leção da EFM através de uma coadjuvação entre o PTT e um professor especialista. Para que, desta forma, a EFM quando é lecionada por professores especialistas, as crianças atinjam elevados níveis de desempenho motor, êxito académico, saúde e níveis de atividade física, que os PTT não atingem (Sallis et al., 1997)⁵. Quando é lecionada pelo PTT os alunos dão mais atenção à informação. Assim, penso que uma coadjuvação seria a medida mais correta a ser implementada neste ciclo de ensino, de forma a proporcionar às crianças uma melhor aprendizagem e boas experiências para o seu futuro enquanto jovem para a EF, e enquanto adulto para a prática de AF de forma regular.

Relação com a comunidade

Esta área refere-se à promoção de competências com o intuito de compreender a importância da relação escola-meio e da abertura da escola à participação da comunidade sendo esta integrada na mesma.

Desta forma, foram feitas diversas atividades ao longo do ano letivo promotoras destas relações, nomeadamente em saídas com alunos para visitas de estudo em que o NE foi convidado, o que veio a permitir uma melhor integração na comunidade escolar.

Para além da melhoria que vim a estabelecer na minha relação com os professores do CT, considero também que minha relação com os alunos foi sendo progressivamente mais positiva e de efetiva relação professor-aluno. O facto de haver muitos alunos nos NDE de futsal, com os quais criei uma boa relação, permitiu-me uma boa integração na comunidade escolar. Esta integração foi comprovada através das visitas de estudo realizadas por outros departamentos que decorreram de forma muito positiva. O contexto informal que se estabeleceu, permitiu aos alunos revelarem-se enquanto indivíduos socialmente recetivos e, por outro lado, com uma postura bem diferente daquela com que estamos, enquanto professores, habituados a lidar nas aulas. Em relação à visita de estudo organizada pelo NE, penso que esta foi muito pertinente e adequada à população escolar. Os motivos assentam no facto de poucos alunos terem oportunidade de experienciar uma atividade desta natureza o que lhes proporcionou momentos de aprendizagem do bodyboard e, ao mesmo tempo, permitiu aproveitar ao máximo a prática desta modalidade, bem como outros jogos na praia de Carcavelos.

⁵ Citado por Morgan e Hansen (2007:100)

Com o intuito de alargar esta boa relação com outras escolas, no âmbito do DE e em parceria com o NDE de Infantis B, organizamos uma competição com a escola básica Sophia de Mello Breyner Andresen. Esta competição surgiu no sentido de complementar a vertente interna deste núcleo, para que houvesse um espaço dedicado à competição com outras escolas. A implementação deste projeto decorreu sem qualquer problema, uma vez que se verificou bastante empenho dos alunos. Estes alunos frequentam sobretudo o DE, com o objetivo de competirem com outras escolas, e neste sentido os objetivos foram cumpridos. Este torneio foi constituído por 6 equipas (3 de cada escola), que jogaram entre si, garantindo a realização de muitos jogos, que era no fundo um dos objetivos deste encontro.

Ainda no âmbito do DE, foi realizada uma visita ao treino da equipa profissional do Sport Lisboa e Benfica de futsal. Para esta visita estabeleceu-se um contacto com a equipa referida, no sentido dos alunos escolhidos (dos dois NDE de futsal da escola) observarem um treino de forma crítica, já que esta é uma equipa que trabalha todos os dias. Assim, os alunos para que reparassem na intensidade do treino, nos exercícios realizados e na atitude dos jogadores para com o desporto em geral. Em relação a estes objetivos, penso que os mesmos foram atingidos, uma vez a maioria dos alunos, esteve sempre atenta ao treino, referindo certos pontos do mesmo, tendo assim demonstrado o interesse e a pertinência da visita.

Com vista a estimular e aprofundar a ligação escola-meio, fomos convidados para apresentação de um *poster* no 9º Congresso Nacional de EF (Anexo 31). Este convite surgiu por um professor da Faculdade de Motricidade Humana, com o intuito de despertar a comunidade para o tema abordado. Esta participação foi muito importante para todo o NE, uma vez que tivemos uma oportunidade muito boa de estar integrados naquele que foi um dos congressos com mais afluência, do qual saíram várias petições para o reforço da EF. A nível pessoal, este congresso foi, sem dúvida, um espaço onde pude aprender muito acerca da disciplina, e observar alguns exemplos de boas práticas da EF em todo o país.

Neste ano letivo foram aplicados pela primeira vez os jogos da cidadania, integrados no “Projeto Mudança”, sendo que este é um projeto que já vem sendo integrado no PAA da escola, e no qual toda a comunidade escolar está envolvida. Os jogos tinham o objetivo de despertar nos alunos consciências de cidadãos mais pró-ativos e conscientes das suas atitudes e valores perante a comunidade onde estão integrados. Assim sendo, estes jogos foram constituídos por várias estações, nas quais

os alunos participavam em equipa, superando vários desafios que lhes conferiam pontos. O objetivo era que cada equipa/turma amealhasse o maior número possível de pontos, onde no fim venceria a equipa/turma com melhor pontuação. As estações eram constituídas por jogos com palavras cruzadas, jogos tradicionais, jogos relacionados com temáticas nomeadamente a roda dos alimentos, valores, direitos e deveres constituintes de um bom cidadão. Como este foi o primeiro ano onde os jogos da cidadania foram implementados, estes ultrapassaram um pouco o tempo previsto, pelo que julgo que poderia ter havido uma melhor articulação ao nível de todo o agrupamento de expressões, no sentido de pro curar junto do GEF estratégias para evitar esse problema. No entanto, considero que os principais objetivos foram cumpridos pois penso que foi interiorizada alguma consciencialização por parte dos alunos em relação às tarefas propostas.

III. Considerações Finais

Considero que este relatório é o culminar de todo processo de formação inicial, onde todos os anos de estudo da teoria foram representados na minha intervenção pedagógica. Neste sentido, julgo que todas as experiências vivenciadas ao longo da minha formação inicial e, particularmente, no Estágio Pedagógico, foram fundamentais.

Este Estágio Pedagógico foi de maior importância pois tive a oportunidade de experienciar diversas práticas a vários níveis. Através da elaboração de projetos e balanços de cada uma das componentes integrantes do Guia de Estágio Pedagógico (2012/2013), foi-me possível projetar, executar e avaliar a implementação dos mesmos. Este facto foi sem dúvida essencial para o meu processo de formação, na medida em que pude vivenciar todos os processos envolventes para a execução dos planos da escola.

Apesar de toda a importância da minha formação inicial, é essencial uma constante atualização dos processos de planeamento, condução e avaliação do ensino, para que mantenha um bom nível de ensino-aprendizagem dos alunos. Para isso também contribui a minha autocrítica em relação ao trabalho por mim desenvolvido. Este facto constitui-se determinante para que a minha intervenção pedagógica seja melhorada a todos os níveis.

A experimentação de diversas estratégias mostrou ser também um meio para uma grande melhoria na intervenção pedagógica, uma vez que me permitiu testar diversas formas de planear, conduzir e avaliar o ensino, indo ao encontro de uma atitude

proactiva no intuito de melhorar as aprendizagens dos alunos. Para isso muito contribuiu o orientador de escola, que me auxiliou e aconselhou da melhor forma para que melhorasse cada vez mais a minha intervenção pedagógica. Este facto é defendido por Holland (1990)⁶, que afirma que as *“Técnicas de Supervisão Pedagógica distinguem esta atividade como uma prática profissional, transformando-a em algo que nem todos podem fazer”*.

Posto isto, o balanço a ser feito acerca do Estágio Pedagógico é bastante positivo, pois tendo em consideração o meio envolvente (exemplo: alunos muito problemáticos), julgo ter desenvolvido um bom trabalho. Este pensamento surge no sentido da transmissão de alguns valores para os alunos, bem como ao nível das aprendizagens dos mesmos, tanto na minha turma, como no NDE, indo ao encontro do que a sociedade exige aos professores, isto é, *que façam da escola um espaço atrativo onde seja possível motivar os alunos para a aprendizagem, que reconstruam os valores e as certezas há muito por si desmoronados, que inovem e que renovem os seus conhecimentos ao ritmo com que a sociedade de informação se impõe* (Alarcão e Tavares, 2003).

A diversidade de vivências experienciadas ao longo do ano, possibilitaram também uma melhoria pessoal no que é ser professor. Para isto muito contribuiu toda a cooperação existente ao nível do GEF, do NE e dos orientadores, uma vez que houve por diversas vezes um FB no intuito de melhorar toda a minha intervenção pedagógica. Desta forma foi-me possível perceber quais os pontos onde terei de progredir para que o meu futuro profissional no âmbito da lecionação da EF seja a mais adequada possível.

Este foi sem dúvida o ano com mais aprendizagem da minha parte pois tive a oportunidade de trabalhar com crianças e adolescentes provenientes de vários bairros problemáticos, com imensas diferenças entre eles, com objetivos de vida completamente diferentes, alguns alunos com diversas NEE. Esta multiplicidade de sentimentos, vontades e atitudes, foi sem dúvida algo difícil de lidar numa fase inicial, contudo, através de uma integração muito bem-sucedida, foi com toda a certeza uma experiência inesquecível e única.

A nível pessoal, penso que a minha formação ficou mais completa, uma vez que tive oportunidade de estar integrado num contexto atípico, permitindo-me assim obter um grau de reflexão de resolução de problemas bastante elevado, no sentido de implementar

⁶ Citado por Onofre & Ribeiro (s.d.)

estratégias para uma promoção das aprendizagens dos alunos. No entanto, verificou-se algumas lacunas ao longo do processo, sendo que algumas delas foram colmatadas ao longo do mesmo e as restantes terão de ser colmatadas através de um processo de formação contínua, para uma constante atualização do processo de ensino-aprendizagem. Assim:

“o aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente” (Nóvoa, 1995).

IV. Referências bibliográficas

- Afonso, N., Roldão, M., Marques, A., Galvão, C., Peralta, H., Silva, I., Leite, T. (2010). *Projecto Metas de Aprendizagem*. Lisboa: DGIDC - ME. Disponível em <http://metasdeaprendizagem.dge.mec.pt/>.
- Agrupamento de Escolas de Alfofnelos (2009). *Projeto Educativo 2009-2013*. Alfofnelos: Agrupamento de Escolas de Alfofnelos.
- Agrupamento de Escolas de Alfofnelos (2011). *Regulamento Interno 2009-2013*. Alfofnelos: Agrupamento de Escolas de Alfofnelos.
- Agrupamento de Escolas de Alfofnelos (2012). *Plano Anual de Atividades 2012/13*. Alfofnelos: Agrupamento de Escolas de Alfofnelos.
- Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da Prática Pedagógica. Uma Perspectiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Coimbra: Almedina.
- Bayo, I. & Diniz, J. (2010). A atividade física e desportiva, uma atividade de enriquecimento curricular. *Boletim SPEF*, 35, 61-85.
- Beurden, E., Barnett, L., Zask, A., Dietrich, U., Brooks, L. & Beard, J. (2003). Can we skill and activate children through primary school physical education lessons? "Move it Groove it"—a collaborative health promotion intervention. *Preventive medicine* 36, 493-501.
- Carvalho, L. (1994). Avaliação das aprendizagens em educação física. *Boletim SPEF*, 10/11, 135-151.
- Diniz, J. (1997). *Estudo integrado das condições de aprendizagem e da intensidade das actividades em Educação Física*. Tese de Doutoramento. FMH, UTL.
- Guia de Estágio Pedagógico (2011-2012). UTL, FMH: não editado.
- Holland, P. (1990). Process and Teachnics in Supervision; In G. Firth & E. Pajak (Eds.), *Handbook of research on school supervision*, NY: Simon & Schuster MacMillan.
- Jacinto, J., Comédias, J., Mira, J. & Carvalho, L. (2001). *Programa Nacional de Educação Física, Ensino Básico (3º ciclo: reajustamento)*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Ministério da Educação & DGIDC (2009). *Programa do Desporto Escolar para 2009-2013*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2001). *Avaliação das aprendizagens - das conceções às práticas*. Lisboa: ME.
- Ministério da Educação e Ciência (2012). *Contrato de Autonomia – Agrupamento de Escolas Alfovelos 2012/13-2014/15*. Lisboa: MEC.
- Moreira, L. & Ferreira, V. (2008). Pedagogia do Desporto - Programa de Observação da Sessão de Educação Física e Desporto. Lisboa: FMH, UTL.
- Morgan, P. & Hansen, V. (2007). Recommendations to improve primary school physical education: classroom teachers' perspective. *The journal of educational research*, 101(2), 99-111.
- Mosston, M. (2008). *Ensinar Educação Física*. Columbus, Ohio: Merrill Publishing Company.
- Nóvoa, A (2005) *Evidentemente. Histórias da Educação*. Lisboa: ASA Editores.
- Nóvoa, A. (1995.) *Os professores e sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Onofre, M. (1996). A supervisão pedagógica no contexto da formação didáctica em educação física. In Carreiro da Costa, F.; Carvalho, L.; Onofre, M.; Diniz, J. Et Pestana (Eds), *Formação de professores de Educação Física. Concepções, investigação, prática* (pp. 75-118). Lisboa: Edições FMH.
- Piéron, M.; Neto, Carlos e Carreiro Da Costa, F. (1985). *La Rétroaction (Feedback) dans des Situations D'Enseignement en Gymnastique et en Basket-Ball*. Motricidade Humana, vol. 1, Janeiro-Maio, pp: 25-33.
- Siedentop, D. (1991). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. Mayfield Publishing Company.
- Sousa, J. (2006). Dados Estatísticos. In J. Sousa & J. Magalhães (Eds.), *Desporto Escolar – Um Retrato* (pp.9-30). Lisboa: ME.
- The Cooper Institute for Aerobics Research (2007). *FitnessGram - Manual de Aplicação de Testes*. Lisboa: Edições FMH.

Legislação/Normas:

Decreto Regulamentar 10/99 de 21 de julho. *Diário da República nº 169 – I Série B*. Estruturas de Orientação Educativa.

Decreto-Lei nº 6/2001 de 18 de janeiro. *Diário da República nº 15 - I Série - A*. Estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão curricular do ensino básico, bem como da avaliação das aprendizagens e do processo de desenvolvimento do currículo nacional.

Decreto-Lei nº 95/91 de 26 de fevereiro. *Diário da República nº 45 – I Série – A*. Aprovação do quadro geral da Educação Física e do desporto escolar como unidades coerentes de ensino.

Despacho nº 147-B/ME/96 de 1 de agosto. *Diário da República nº 177 – II Série*. Cria os “Territórios Educativos de Intervenção Prioritária”.

V. Anexos

(Em CD, formato digital)